

# Patronos do Curso de Altos Estudos de Política e Estratégia (CAEPE) 1952-1993




## Sumário

1952: Patrono Barão do Rio Branco .....	3
1953: Patrono Pandiá Calógeras .....	4
1954: Patrono Visconde de Mauá .....	5
1955: Patrono José Bonifácio de Andrada e Silva .....	6
1956: Patrono Santos Dumont.....	7
1957: Patrono Teóphilo Ottoni .....	8
1958: Patrono Marechal Rondon .....	11
1959: Patrono Clóvis Bevilacqua .....	12
1960: Patrono Almirante Tamandaré .....	13
1961: Patrono Duque de Caxias .....	15
1962: Patrono Olavo Bilac .....	16
1963: Patrono Joaquim Nabuco .....	17
1964: Patrono Oswaldo Cruz.....	19
1965: Patrono Alexandre Gusmão .....	20
1966: Patrono Tiradentes.....	21
1967: Patrono Marechal Castelo Branco .....	22
1968: Patrono Marechal Mascarenhas de Moraes .....	25
1969: Patrono Visconde do Rio Branco.....	26
1970: Patrono Presidente Rodrigues Alves.....	27
1971: Patrono Henrique Laje .....	29
1972: Patrono Pedro I .....	30
1973: Patrono Pedro II .....	32
1974: Patrono Presidente Gaspar Dutra .....	33
1975: Patrono Marechal Juarez Távora .....	34
1976: Patrono Almirante Álvaro Alberto .....	36
1977: Patrono Henrique Dias .....	37
1978: Patrono Carlos Chagas .....	38
1979: Patrono Marechal Salvador César Obino .....	40
1980: Patrono Rui Barbosa.....	41
1981: Patrono Marechal Cordeiro de Farias .....	42
1982: Patrono Marechal do Ar Eduardo Gomes.....	43
1983: Patrono General Euclides Figueiredo .....	44
1984: Patrono Oswaldo Aranha .....	45


1985: Patrono Tancredo Neves.....	46
1986: Patrono Salgado Filho .....	48
1987: Patrono Villa Lobos .....	50
1988: Patronesse Princesa Isabel.....	51
1989: Patrono Benjamin Constant .....	52
1990: Patrono Lindolfo Leopoldino Boeckel Collor.....	54
1991: Patrono Vital Brazil.....	55
1992: Patronesse Anna Nery.....	56
1993: Patrono Juscelino Kubitscheck .....	58

## 1952: Patrono Barão do Rio Branco

Patrono	Barão do Rio Branco	 A portrait of a man with a mustache, wearing a dark suit and tie, framed in wood. Below the portrait is a small plaque that reads "Barão do Rio Branco 1952".
Biografia	<p><i>José Maria da Silva Paranhos Júnior</i> nasceu no Rio de Janeiro no dia 20 de abril de 1845, filho primogênito de Teresa de Figueiredo Faria e de José Maria da Silva Paranhos, o Visconde do Rio Branco, um dos maiores estadistas da história brasileira.</p> <p>Fez seus primeiros estudos no Colégio Pedro II, estudou na Faculdade de Direito de São Paulo e formou-se, em 1866, pela faculdade do Recife. Foi membro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, deputado por Mato Grosso (1869-1875) e secretário do próprio pai nas negociações de paz entre os Aliados e o Paraguai (1870-1871). Dedicou-se ao jornalismo até ser nomeado de cônsul-geral do Brasil em Liverpool em maio de 1877, função na qual permaneceu até 1893.</p> <p>Ainda na vigência do Império, por ocasião da assinatura da Lei Áurea (1888), recebeu o título de Barão do Rio Branco como demonstração de deferência do imperador ao filho do autor da Lei do Ventre Livre (1871).</p> <p>Atuou em importantes litígios territoriais em defesa dos interesses nacionais. Nesse sentido, tanto a questão de Palmas/Missões quanto a do Amapá foram decididas favoravelmente ao Brasil. Foi ainda ministro plenipotenciário em Berlim (1900) antes de ser convidado pelo Presidente Rodrigues Alves a assumir a pasta das Relações Exteriores, em 1902. Logo no início de sua gestão, defrontou-se com a questão do Acre, território boliviano ocupado por brasileiros, solucionando-a amigavelmente pelo Tratado de Petrópolis, assinado em 1903. Erigiu como bandeira das reivindicações o princípio do <i>uti possidetis solis</i>, e assim dirimiu velhas disputas do Brasil com quase todos os países da América do Sul.</p> <p>Além da solução dos problemas de fronteira, Rio Branco lançou as bases de uma nova política internacional, adaptada às</p>	

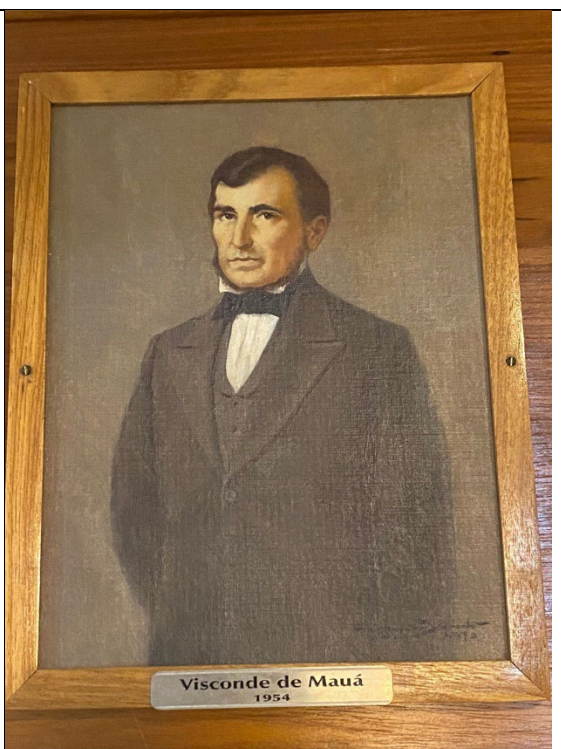
	<p>necessidades do Brasil moderno, sugerindo uma aproximação mais estreita com as repúblicas hispano-americanas e acentuando a tradição de amizade e cooperação com os Estados Unidos.</p> <p>Rio Branco foi ministro das Relações Exteriores de quatro governos: Rodrigues Alves (1902-1906), Afonso Pena (1906-1909), Nilo Peçanha (1909-1910) e Hermes da Fonseca (1910-1914). Teve importante papel na promoção de fluxos migratórios para o Brasil e foi um importante agente no processo de estabelecimento da ordem institucional burocrática da Primeira República, com forte presença na imprensa nacional e grande influência política.</p> <p>“Juca” Paranhos faleceu no Rio de Janeiro em 10 de fevereiro de 1912. Sua morte, durante o carnaval de 1912, alterou o calendário da festa popular naquele ano, dado o luto oficial e as intensas homenagens que lhe renderam na cidade do Rio de Janeiro.</p>
--	---

### 1953: Patrono Pandiá Calógeras

<p>Patrono</p>	<p>Pandiá Calógeras</p>	 <p>A portrait of Pandiá Calógeras, a man with a mustache, wearing a dark suit and a white shirt with a tie. The portrait is framed in wood and has a small label at the bottom that reads 'Pandiá Calógeras 1953'.</p>
<p>Biografia</p>	<p>João Pandiá Calógeras nasceu no Rio de Janeiro, em 19 de junho de 1870. Seus primeiros anos de estudo não foram em escolas convencionais, mas teve esmerada educação, recebida de preceptores alemães. Ingressou aos 14 anos no Colégio Pedro II. Matriculou-se em seguida na Escola de Minas de Ouro Preto (MG), pela qual se formou engenheiro em 1890.</p> <p>Foi eleito deputado federal pelo Partido Republicano Mineiro (PRM) nas legislaturas 1897-1899, 1903-1905, 1906-1908, 1909-1911 e 1912-1914. Foi Ministro da Agricultura e da Fazenda, chegando a ocupar as duas pastas simultaneamente.</p> <p>Em 1903, publicou <i>As minas do Brasil e sua legislação</i>, obra que lhe valeu projeção nacional. No livro, defendia a tese que mais tarde apresentou na Câmara e foi transformada na Lei Calógeras: propunha que se estabelecesse uma distinção entre a propriedade do solo e a do subsolo, assegurando ao governo o direito de desapropriar o subsolo para explorá-lo.</p> <p>A atuação de Calógeras não se restringiu às fronteiras nacionais. O engenheiro e político carioca participou de missões diplomáticas de</p>	

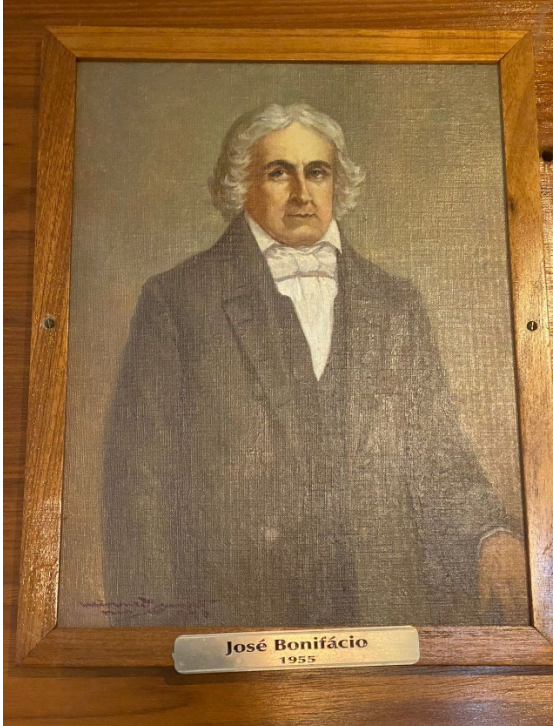
	<p>alto relevo, tendo participado da III Conferência Pan-Americana (1906), à IV Conferência Pan-Americana (1910) e da Conferência da Paz, em Versalhes (1919), onde teve atuação marcante. Ao regressar ao Brasil, nomeado ministro da Guerra do governo de Epitácio Pessoa, tornando-se o único civil a ocupar esse cargo na história republicana do país</p> <p>Em seu mandato, Pandiá Calógeras empreendeu importante processo de modernização, expansão e aperfeiçoamento do Exército. Calógeras promoveu a reforma da instrução dos quadros e da tropa, tornando-a mais técnica com a criação de escolas para cada especialidade, entre elas a Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais. Paralelamente, deixou notável legado como escritor, acadêmico e pesquisador. Personalizou, assim, a aproximação entre civis e militares, tendo como norte o interesse do Estado.</p> <p>Pandiá Calógeras faleceu em Petrópolis (RJ) no dia 21 de abril de 1934, a menos de 100 (cem) dias de apor sua assinatura na nova Constituição.</p>
--	---

### 1954: Patrono Visconde de Mauá

<p>Patrono</p>	<p>Visconde de Mauá</p>	 <p>A portrait painting of a man in a dark suit and bow tie, framed in wood. Below the portrait is a small white label with the text 'Visconde de Mauá 1954'.</p>
<p>Biografia</p>	<p>Irineu Evangelista de Souza, futuro Barão e Visconde de Mauá, nasceu em 28 de dezembro de 1813 em Arroio Grande (RS). Foi um comerciante, armador, industrial e banqueiro brasileiro.</p> <p>Órfão de pai quando ainda criança, mudou-se para o Rio de Janeiro para ficar sob os cuidados de um tio, José Batista de Carvalho, um comandante da Marinha Mercante. Esse seria um dos primeiros contatos do jovem Mauá com o mundo marítimo. Na cidade do Rio de Janeiro aprendeu a arte do negócio devido aos vários empregos que possuiu desde a infância até a fase adulta. Com determinação, o caixeiro de armazém se tornou diretor de empresa de</p>	

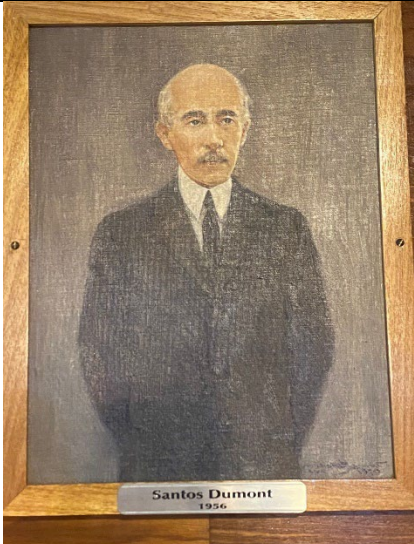
	<p>importação.</p> <p>Esteve na Inglaterra num momento de vigorosa ascensão econômica daquele país, no auge da Revolução Industrial. Ao retornar para o Brasil, percebeu o enorme potencial de crescimento econômico do nosso País pelas vias marítimas. Fez investimentos no setor marítimo brasileiro, com destaque para o Estabelecimento da Fundação e Estaleiros Ponta da Areia, em 1846, em Niterói (RJ), que se tornou futuramente o famoso Estaleiro Mauá, considerado o berço da construção naval do Brasil Imperial. Pelo seu incentivo ao desenvolvimento da indústria naval no país, foi declarado Patrono da Marinha Mercante.</p> <p>Recebeu o título de barão após construir a primeira estrada de ferro no país: a Estrada de Ferro Mauá, que fez a ligação do pequeno Porto de Mauá a Fragoso, na atual Área Metropolitana do Rio de Janeiro, numa extensão de 14.5 Km.</p> <p>Dentre as suas maiores realizações, encontra-se a implantação da primeira fundição de ferro e estaleiro no país, o início da exploração do rio Amazonas e afluentes, bem como o Guaíba e afluentes, no Rio Grande do Sul, com barcos a vapor; a instalação da iluminação pública a gás na cidade do Rio de Janeiro, a criação do terceiro Banco do Brasil; e a instalação do cabo submarino telegráfico entre a América do Sul e a Europa.</p> <p>Faleceu em Petrópolis (RJ), no dia 21 de outubro de 1889.</p>
--	---

## 1955: Patrono José Bonifácio de Andrada e Silva

<p>Patrono</p>	<p>José Bonifácio de Andrada e Silva</p>	
<p>Biografia</p>	<p>José Bonifácio de Andrada e Silva nasceu na cidade de Santos, em São Paulo, no dia 13 de junho de 1763. Considerado o “Patriarca da Independência”, foi um político, naturalista, intelectual e poeta brasileiro.</p>	

	<p>Membro de uma família abastada, iniciou seus estudos de Gramática, Retórica e Filosofia nos cursos abertos por D. Frei Manuel da Ressurreição. Ingressou na Universidade de Coimbra em 1783, tendo frequentado os cursos de Leis, Matemática e Filosofia Natural, bacharelando-se em Filosofia e Leis em 1787. Percorreu diversos países europeus em viagens científicas, especializando a sua formação como naturalista segundo os princípios da Ilustração portuguesa, em que o conhecimento científico tinha por objetivo a utilidade pública. Retornou a Portugal em 1800, quando passou a integrar a administração portuguesa nos mais diversos cargos, até finalmente retornar ao Brasil, em 1819. Ingressou na atividade política no conturbado período do processo de independência, integrando a Junta Provisória de São Paulo, em 1821.</p> <p>Liderou o movimento que lançou um manifesto em defesa da permanência de D. Pedro, Príncipe Regente, no Rio de Janeiro. Em 1822, foi nomeado Secretário de Estados dos Negócios do Reino e Estrangeiros. A proximidade com o D. Pedro durou pouco, mas deixou marcas profundas: em 1823, José Bonifácio rompeu com o imperador e passou a fazer-lhe oposição, tendo sido demitido, preso e deportado. Acabou se exilando com seus irmãos na França por seis anos. Em 1829, retornou ao Brasil e foi escolhido pelo imperador, por ocasião de sua abdicação, em 1831, tutor de seu filho, o futuro D. Pedro II.</p> <p>No ano de 1833, foi destituído da tutoria pela Regência. Ficou em prisão domiciliar até 1835, quando terminou o processo-crime instaurado contra ele por conspiração e perturbação da ordem pública. Mudou-se nos últimos dias de vida para Niterói, Rio de Janeiro, onde veio a falecer em 1838.</p>
--	--

## 1956: Patrono Santos Dumont


Patrono	Santos Dumont	
Biografia	Alberto Santos Dumont nasceu em 20 de julho de 1873, no interior de Minas Gerais, em João Gome, posteriormente chamada de Palmira e eventualmente rebatizada em sua homenagem.	



	<p>Descendente de franceses e de origem abastada, o jovem Dumont iniciou os estudos no Brasil, mas ainda muito novo passou a estudar em Paris. Seguindo a orientação do pai, que sofrera um grave acidente e o emancipara, estudou física, química, mecânica e eletricidade. Em 1897, passou a travar contato com Henri Lachambre e seu sobrinho, o mecânico Alexis Machuron, os principais construtores de balões da época, que mantinham o Atelier Lachambre no Parque de Vaugirard, em Paris. Santos Dumont iniciou uma série de testes e inventos envolvendo balões e dirigíveis, o que eventualmente o levaria à sua grande criação: o avião.</p> <p>Em 1906, Ernst Archdeacon, membro do Aeoclube da França, instituiu a Taça Archdeacon, um prêmio no valor de três mil francos para aquele que conseguisse realizar um voo controlado de mais de 25m com um avião, sem contar com qualquer auxílio externo.</p> <p>Em 23 de outubro, no campo de Bagatelle, o 14bis ganhou os ares de Paris e voou 60 metros e conquistou para Santos Dumont a Taça Archdeacon. Em 12 de novembro, novamente no campo de Bagatelle, o <i>14bis</i> voou 220 metros, ganhando o prêmio do Aeroclube da França e conquistando os primeiros records mundiais reconhecidos pela Federação Aeronáutica Internacional (FAI), entidade fundada em 14 de outubro de 1905. Os voos do <i>14bis</i> provaram ser possível construir uma aeronave mais-pesada-que-o-ar capaz de decolar e voar sem auxílio externo, chamaram a atenção do mundo aeronáutico e forneceram elementos novos para o desenvolvimento do aeroplano.</p> <p>Seus testes com aeroplanos e ultraleves prosseguiram até 1910, quando, seguindo recomendações médicas, Santos Dumont afastou-se dos trabalhos no campo de provas e passou a se dedicar à divulgação da aviação, incentivando o investimento de empresários e de governos na então nascente indústria aeronáutica.</p> <p>Em 23 de julho de 1932, aos 59 anos de idade, suicidou-se em Guarujá (SP), profundamente traumatizado, ao que se presume, com o desenrolar da Revolução Constitucionalista, em que foram usados aviões em ataques terrestres.</p> <p>Em 1973 o Comitê de Nomenclatura da União Astronômica Internacional deu o nome de Santos Dumont a uma das crateras da Lua.</p>
--	--

### 1957: Patrono Teóphilo Ottoni

Ano	1956	
Turma	-	


<p>Patrono</p>	<p>Teóphilo Ottoni</p>	
<p>Biografia</p>	<p>Teóphilo Benedito Ottoni nasceu na cidade do Serro (MG), a 27 de novembro de 1807. Descendente de genoveses e italianos, destacou-se como político e empresário. Em 1835, Ottoni foi eleito deputado à primeira Assembleia Legislativa da província de Minas Gerais. E, em 1838, com o voto dos liberais, elegeu-se deputado ao Parlamento Nacional, para a sua quarta legislatura. Abolicionista e republicano, participou ativamente da Revolução Liberal de 1842. Feito prisioneiro, o último dos chimangos fez a própria defesa e foi absolvido por unanimidade. Pela terceira vez, Teófilo Ottoni elegeu-se deputado, em 1848, mas a Câmara foi dissolvida, pondo fim à fase dos liberais, no poder desde 1845. Como empresário, a grande obra de Teóphilo Ottoni foi o desbravamento de toda a região do Mucuri. O programa da Companhia do Mucuri foi considerado um dos maiores empreendimentos nacionais do século.</p> <p>Desejando desbravar e colonizar a região do Mucuri, ele organizou, em 1847, a Companhia de Comércio e Navegação do Mucuri, que imediatamente entrou no plano das realizações. Entre as suas aspirações, incluía-se a fundação de uma cidade que se tornasse o centro propulsor e distribuidor do progresso no norte de Minas Gerais. No ano de 1847, Theophilo B. Ottoni projetou ligar o nordeste mineiro com o litoral de Brasil, através da densa floresta, dos chapados e serras que acompanham a costa brasileira de norte a sul. Para esse fim organizou duas grandes expedições. Uma delas partiria de Santa Cruz do Rio Preto e a outra avançaria Mucuri acima. Em 1851, Theophilo B. Ottoni fundou no Rio de Janeiro a “Companhia Mucuri”, a qual haveria de organizar o transporte fluvial e terrestre, bem como explorar a região. A partir daí o estadista colonizador abraçou com entusiasmo a ideia de estabelecer núcleos coloniais, que seriam confiados a imigrantes europeus, particularmente germânicos.</p>	

Um dos passos decisivos nesse sentido foi o apoio que o Governo Imperial assegurou ao empreendimento. Já em 1854, erguiam-se grandes armazéns em Filadélfia e Santa Clara, e procedia-se à abertura da estrada, que quatro anos mais tarde acabaria de ligar esses dois povoados. Em 1856, chegavam os primeiros colonos suíços e alemães como consequência de anúncio que Theophilo B. Ottoni mandou publicar em jornais. Mal chegados os primeiros imigrantes, a companhia lhes confiou empreendimento comum: trabalhar na estrada que ligaria Filadélfia à Santa Clara. Só depois de acabada esta obra, em 1858, cada qual poderia tomar posse de sua cota de terras. A estrada de Santa Clara – Filadélfia, primeira rodovia do interior do Brasil, foi inaugurada em agosto de 1857 e era a via ápia do Mucuri. Em 1857, Filadélfia fora elevada a distrito e freguesia da comarca de Minas Novas. Em 1876, a freguesia foi elevada à categoria de cidade, com o nome de Teófilo Ottoni, em homenagem a seu fundador, vindo a ser instalada oficialmente em 1881.

Entre 1857 e 1860, Ottoni foi eleito cinco vezes senador, tendo sido preterido pelo Imperador nas cinco ocasiões, passando, então, a optar pela deputação pela província de Minas Gerais. Em 1863, é duplamente eleito: deputado e Senador do Império. Teófilo Ottoni exerceu o cargo de senador por cinco anos, até 17 de outubro de 1869, quando faleceu.

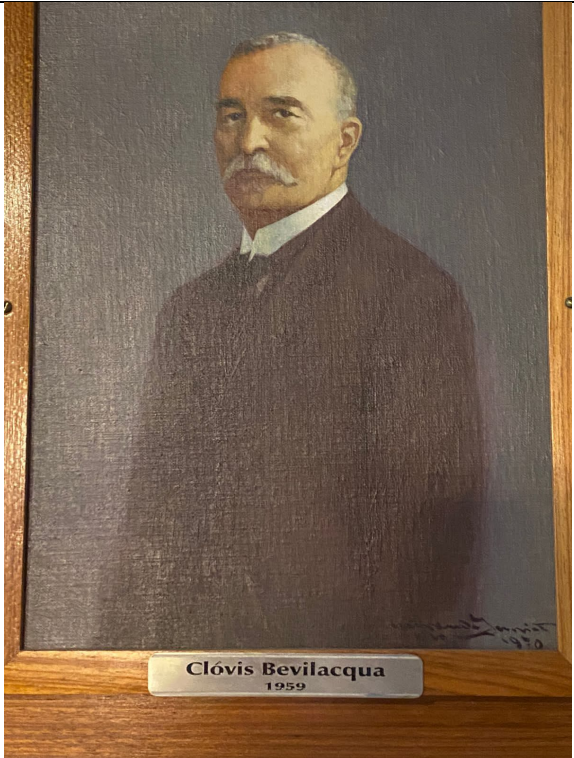
Em 1960, noventa e um anos depois de sua morte, com honras de Chefe de Estado, seus restos mortais foram trazidos do Rio de Janeiro para Teófilo Ottoni, sendo sepultados no pantheon erguido junto à sua estátua.

## 1958: Patrono Marechal Rondon

Patrono	Marechal Rondon	 A portrait of Marechal Rondon in a dark blue military uniform with gold buttons and epaulettes. He is an elderly man with white hair, looking slightly to the right. The portrait is on a wooden plaque with a small white label at the bottom that reads "Marechal Rondon 1958".
Biografia	<p>Cândido Mariano da Silva nasceu em Mimoso, no município de Santo Antônio de Leverger (MT), no dia 5 de maio de 1865. Tendo ficado órfão muito cedo, passou aos cuidados do tio, Manuel Rodrigues da Silva Rondon, em cuja homenagem acrescentou o nome Rondon ao seu em 1890.</p> <p>Após completar o curso primário em Cuiabá e o Liceu Cuiabano, Rondon abandonou a carreira de professor para ingressar no 3º Regimento de Artilharia a Cavalos e, posteriormente, na Escola Militar do Rio de Janeiro. Formou-se engenheiro militar e bacharel em matemática e ciências físicas em 1889.</p> <p>Em 1890, começou a trabalhar na construção de linhas telegráficas entre Cuiabá e o Araguaia e, mais tarde, se tornou chefe da Comissão Construtora de Linhas Telegráficas, ampliando a rede até a fronteira com o Paraguai e a Bolívia. Suas expedições não só instalaram linhas telegráficas, mas também promoveram o contato e a proteção dos povos indígenas, defendendo seus direitos e demarcando terras.</p> <p>Em 1906, Rondon foi encarregado de conectar Cuiabá ao Acre, enfrentando desafios significativos, incluindo o contato com tribos indígenas conhecidas por práticas hostis. Sua filosofia de trabalho era baseada no lema "Morrer, se preciso for; matar nunca."</p> <p>Em 1910, assumiu a chefia do Serviço de Proteção ao Índio (SPI), criado para proteger e integrar os povos indígenas. Em 1913, acompanhou a expedição do ex-presidente dos EUA, Theodore Roosevelt, pelo sertão brasileiro. Rondon dedicou-se também a inspeções, conferências e à direção do SPI.</p> <p>Ao longo de sua carreira, construiu 2.270 km de linhas telegráficas e fez significativas contribuições ao mapa geográfico do Brasil. Foi</p>	


	<p>diretor de Engenharia do Exército em 1919 e, em 1927, trabalhou na inspeção das fronteiras brasileiras. Sua dedicação à proteção indígena continuou até o final de sua vida, com a criação do Parque Nacional do Xingu e do Museu do Índio.</p> <p>Rondon faleceu em 19 de fevereiro de 1958, deixando um legado de respeito e proteção aos povos indígenas e ao sertão brasileiro.</p>
--	--

## 1959: Patrono Clóvis Bevilacqua

<p>Patrono</p>	<p>Clóvis Bevilacqua</p>	
<p>Biografia</p>	<p>Clóvis Bevilacqua nasceu em Viçosa (CE) em 4 de outubro de 1859. Foi jurista, magistrado, jornalista, professor, historiador e crítico.</p> <p>Iniciou os estudos na cidade natal, transferindo-se depois para Fortaleza e finalmente para o Rio de Janeiro, aos 17 anos. Iniciou os estudos jurídicos em 1878, em Fortaleza, onde começou a publicar em folhetos e jornais. Iniciou a carreira de magistrado em 1883, ao ser nomeado promotor público de Alcântara (MA). No jornalismo, fez campanha pela República e, após a proclamação, foi eleito deputado à Assembleia Constituinte pelo Ceará.</p> <p>Em 1884, prestou concurso para professor de Filosofia da Faculdade de Direito do Recife. Foi nesse contexto que iniciou uma série de obras jurídicas que consolidariam sua figura e levariam Epiácio Pessoa, Ministro da Justiça do governo Campos Salles, convidar Bevilacqua a elaborar o anteprojeto do Código Civil Brasileiro, pronto no início de 1900. Após dezesseis anos de discussão, o Código Civil Brasileiro entraria em vigor em 1º de janeiro de 1917. Enfrentou forte oposição de outro grande jurista brasileiro, Rui Barbosa; que, no entanto, reconheceu Bevilacqua</p>	

	<p>como "o maior de nossos juristas vivos" por ocasião de sancionamento do Código Civil.</p> <p>Em 1906, o Barão do Rio Branco nomeou-o consultor Jurídico do Ministério das Relações Exteriores, posição que ocupou até 1934.</p> <p>Em 1920, foi convidado a fazer parte do Comitê dos Juristas no Conselho da Sociedade das Nações. Não podendo se ausentar do país, preparou um projeto de organização da Corte Permanente de Justiça Internacional. Publicou diversos livros de filosofia e direito.</p> <p>Em obras especiais, dedicou-se às diversas partes do Código Civil: Direito da Família, Direito das Obrigações, Direito das Causas. Foi membro da Academia Brasileira de Letras, instituição da qual se afastou após o pedido de inscrição de sua esposa ser negado.</p> <p>Clóvis Beviláqua pertenceu a numerosas instituições culturais do país e do exterior. Foi presidente honorário da Ordem dos Advogados do Brasil, que lhe conferiu a medalha Teixeira de Freitas. Foi também professor honoris causa de várias faculdades de direito, inclusive em Buenos Aires. Em 1942, seu nome foi incluído no "Livro do Mérito" e, no ano seguinte, teve seu busto inaugurado em praça pública.</p> <p>Clóvis Bevilacqua faleceu no Rio de Janeiro, em 26 de julho de 1944.</p>
--	--

## 1960: Patrono Almirante Tamandaré


<p>Patrono</p>	<p>Almirante Tamandaré</p>	
<p>Biografia</p>	<p>Joaquim Marques Lisboa, o Almirante Tamandaré, nasceu na vila de São José do Norte (RS), a 13 de dezembro de 1807. Filho de um capitão de milícias, desde cedo viajou muito, atento às manobras dos barcos e às práticas de navegação.</p>	

Depois de proclamada a independência, quando da organização da Marinha empreendida por D. Pedro I, alistou-se como voluntário e, em 1823, com apenas 15 anos, embarcou como praticante na Fragata Niterói, comandada por John Taylor, e participou da perseguição da esquadra portuguesa até a foz do Rio Tejo no contexto das lutas de independência do Brasil. De volta ao Rio de Janeiro, ingressou na Academia de Guardas-Marinha e começou a tomar aulas de inglês, quando conheceu e se tornou amigo de Francisco Manuel Barroso, futuro almirante e barão do Império. Pouco depois, em 1824, precisou abandonar a Academia para seguir para Pernambuco, onde deflagrara-se uma revolta que precederia a Confederação do Equador. Combateu sob o comando de Lord Cochrane e, pouco depois de conseguir retornar à Academia, foi promovido a Segundo-Tenente graças às recomendações do Almirante Taylor. O futuro Almirante contava, então, com apenas dezoito anos. Pouco depois, em fevereiro de 1826, partiria para o sul do país a bordo da Nau Niterói, comandada por James Norton, para combater outro movimento separatista, na Província da Cisplatina. Em abril de 1831, D. Pedro I abdica e durante a Regência surgiram várias rebeliões. A Marinha era peça fundamental para manter a unidade do país. Em setembro, o comandante Joaquim Marques Lisboa vence uma revolta no Recife, e outra no Ceará. Em 1834 estoura a "Cabanagem" em Belém do Pará e o comandante partiu para a nova missão. Combateu também a Sabinada (Salvador - 1838), a Revolução Farroupilha (RS) e a Balaiada (Maranhão, 1839) - nesta última, ao lado do futuro Duque de Caxias, formaram a Divisão Pacificadora do Norte. Em 1851, comandou a esquadra imperial na Guerra contra Oribe e Rosas. Em 14 de março de 1860, Joaquim Marques Lisboa recebia o título de "Barão de Tamandaré".

Comandante da esquadra brasileira quando da eclosão da Guerra do Paraguai (1865-1870), determinou o bloqueio do Rio Paraguai, ação efetivada pelo Alte Barroso na Batalha Naval do Riachuelo (1865) e fundamental para a vitória brasileira no conflito. Em novembro de 1866, doente, pede licença para tratamento. No dia 9 de janeiro de 1867, o Barão de Tamandaré recebe o mais alto posto da Marinha "Almirante Tamandaré". No dia em que completou 80 anos recebeu o título de "Conde" e depois foi elevado a "Marquês", recebendo também a "Ordem da Rosa". Grande amigo de D. Pedro II, na proclamação da República, entristeceu-se com a deposição do monarca, de quem foi se despedir no caminho para o exílio.

Almirante Tamandaré faleceu no Rio de Janeiro, no dia 20 de março de 1897. Posteriormente foi declarado "Patrono da Marinha Brasileira". No dia de seu nascimento, 13 de dezembro, comemora-se o Dia do Marinheiro.

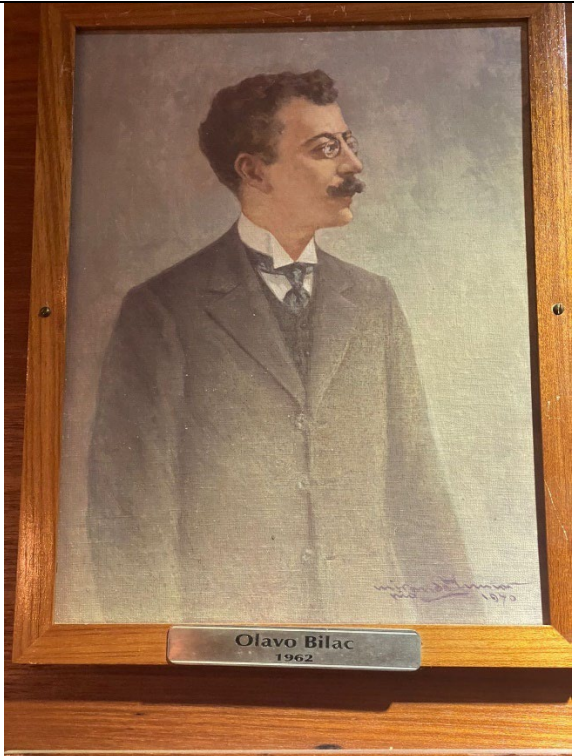
## 1961: Patrono Duque de Caxias

Patrono	Duque de Caxias	
Biografia	<p>Luís Alves de Lima e Silva, futuro Duque de Caxias, nasceu a 25 de agosto de 1803, na fazenda de São Paulo, na Vila do Porto da Estrela (hoje Duque de Caxias), na então província do Rio de Janeiro.</p> <p>Nascido no seio de uma família tradicionalmente militar, com apenas cinco anos assentou praça como cadete no 1º Regimento de Infantaria de Linha. Em 1822, partiu para a Bahia com o tio, coronel José Joaquim Alves de Lima, comandante do "Batalhão do Imperador", para enfrentar as tropas portuguesas que não aceitavam a independência do Brasil. Retornando ao Rio de Janeiro, com apenas 20 anos foi promovido a capitão e seguiu para o sul do país com o objetivo de combater os revoltosos na Cisplatina. Ainda no sul do país, chegou a combater os revolucionários farroupilhas em 1839, além de ter posto fim à Balaiada, revolta iniciada no Maranhão em 1838. Retornando ao Rio de Janeiro, foi promovido a general em 1841 e recebeu o título de Barão de Caxias, recordando a cidade maranhense onde ocorreu a rendição dos balaios.</p> <p>Combateu as revoluções liberais de 1842 e pôs termo à guerra dos Farrapos em 1845. De retorno ao seu lar, foi elevado a Conde e escolhido pelo Imperador D. Pedro II, senador pela Província do Rio Grande do Sul, cargo que exerceria de 1846 até sua morte. Entre 1851 e 1852, comandou o Exército brasileiro na guerra contra Oribe e Rosas, tendo sido agraciado com o título de Marquês após retornar vitorioso para o Brasil. Entre 1852 e 1866, dedicou-se inteiramente à política como senador, ministro da Guerra e Presidente do Conselho de Ministros. Após séria derrota brasileira em Curupaiti, no contexto da Guerra do Paraguai, foi convidado a</p>	



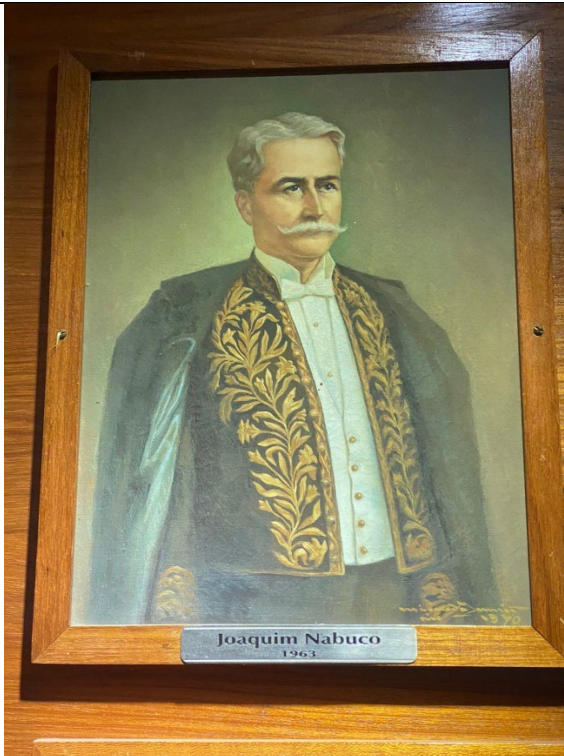
	<p>ser novamente comandante das tropas brasileiras, aos 63 anos. Caxias aceitou a árdua incumbência e chegou a tomar a cidade de Assunção em 1869 antes de cair doente e afastar-se do combate. Chegou a ocupar novamente o cargo de Presidente do Conselho de Ministros e titular da pasta da Guerra, tendo se retirado da vida pública em 1878.</p> <p>Passando a residir em sua fazenda Santa Mônica, na região de Vassouras-RJ, no dia 7 de maio de 1880, sentiu-se repentinamente mal e faleceu. Seu corpo foi conduzido para o Rio e sepultado no cemitério do Catumbi. Em 1949, seus restos mortais foram exumados e trasladados, com todas as honras, para um Panteão, localizado em frente da então sede do Ministério da Guerra - Palácio Duque de Caxias, hoje Comando Militar do Leste, na avenida Presidente Vargas, na cidade do Rio de Janeiro. Por decreto nº 51.429, de 13 de março de 1962, foi consagrado Patrono do Exército Brasileiro.</p>
--	--

### 1962: Patrono Olavo Bilac

<p>Patrono</p>	<p>Olavo Bilac</p>	
<p>Biografia</p>	<p>Olavo Braz Martins dos Guimarães Bilac nasceu no Rio de Janeiro, a 16 de dezembro de 1865. Foi poeta, jornalista e membro fundador membro da Academia Brasileira de Letras, em 1897.</p> <p>Destacou-se pelo seu ardor nacionalista e pela defesa do abolicionismo. Após os estudos primários e secundários, iniciou os cursos de Medicina e, posteriormente, de Direito, mas não completou nenhum dos dois cursos. Dedicou-se desde cedo ao jornalismo e à literatura. Teve intensa participação na política e em campanhas cívicas, das quais a mais famosa foi em favor do serviço militar obrigatório, tendo empreendido verdadeira</p>	

	<p>peregrinação pelo país entre 1915 e 1916 para conscientizar os brasileiros da necessidade do Serviço Militar Obrigatório. Fundou vários jornais, de vida mais ou menos efêmera, como "A Cigarra", "O Meio" e "A Rua". Dentre sua extensa obra, destacam-se a letra do Hino à Bandeira, o poema épico "O Caçador de Esmeraldas" e o belo soneto "A Pátria". Na data do seu nascimento, 16 de dezembro, comemora-se o Dia do Reservista. O autor da letra do Hino à Bandeira e da grandiosa "Oração à Bandeira", empenhou-se, ainda, na ação educacional cívica, buscando a promoção dos mais puros ideais da nacionalidade. Sob essa inspiração, fundou a Liga de Defesa Nacional, em 1916, para lutar pela preservação de nossos valores maiores ao longo do tempo.</p> <p>Bilac exerceu vários cargos públicos, foi oficial da Secretaria do Interior, no Rio de Janeiro, inspetor escolar e secretário de duas Conferências Pan-Americanas, uma no Rio de Janeiro e outra em Buenos Aires. Em suas viagens pelo Brasil, não apenas defendeu o serviço militar obrigatório, mas fez forte campanha cívica em prol da alfabetização.</p> <p>Olavo Bilac faleceu no Rio de Janeiro, em 28 de dezembro de 1918.</p>
--	--

### 1963: Patrono Joaquim Nabuco

Ano	1963	
Turma	-	
Patrono	Joaquim Nabuco	
Biografia	Joaquim Aurélio Barreto Nabuco de Araújo nasceu no Recife em 19 de agosto de 1849.	

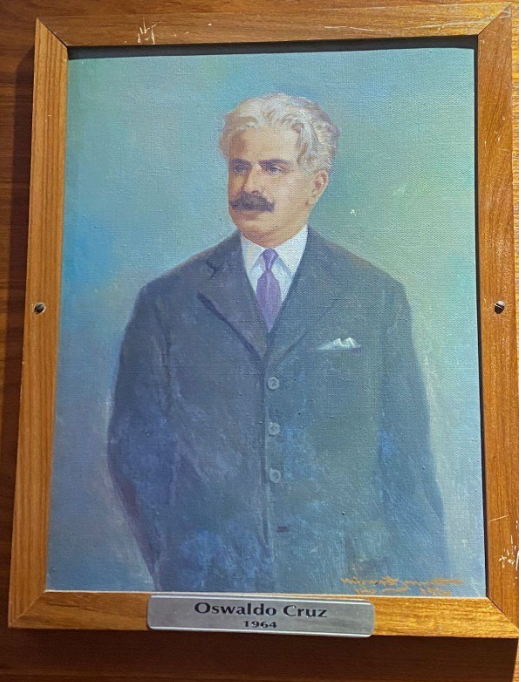
Com poucos meses de vida, devido à transferência do pai para o Rio de Janeiro, passou para os cuidados da madrinha e mãe afetiva, Ana Rosa Falcão de Carvalho, que cuidou para que Nabuco tivesse uma educação quase principesca. A morte da madrinha em 1857 obrigou-o a abandonar a privilegiada existência protegida de filho único e a juntar-se, na Corte, à família de mais quatro irmãos, onde se sentia como um órfão. Pouco depois, em 1859, foi enviado pelo pai para um colégio interno em Friburgo, dirigido pelo afamado professor bávaro, barão de Tautphoeus. Este, por sua vez, considerava Nabuco o aluno mais inteligente que já havia tido, e exerceu grande influência sobre seu pupilo. Em 1866 matriculou-se na Faculdade de Direito de São Paulo, tendo pertencido à turma na qual se destacaram Castro Alves, Rui Barbosa, Rodrigues Alves e Afonso Pena. Pouco interessado pelos estudos jurídicos, manteve intensa atividade nos grêmios político-literários e nos jornais que animavam a vida acadêmica. Datam desses anos as primeiras manifestações do liberalismo progressista que seria sua ideologia política. Sua entrada na Câmara marcou o início de sua campanha abolicionista, que rapidamente ganhou destaque nacional. Entre 1881 e 1884, Nabuco viajou pela Europa e, em 1883, publicou em Londres seu trabalho "O Abolicionismo". Ao retornar ao Brasil, foi novamente eleito deputado por Pernambuco e continuou a promover a causa abolicionista, que culminou com a abolição da escravidão em 1888. Com a Proclamação da República em 1889, ele, ainda monarquista, se retirou da vida pública para se dedicar à sua obra e ao estudo.

Durante esse período de afastamento, Nabuco viveu no Rio de Janeiro, onde trabalhou como advogado e jornalista, e se aproximou de figuras literárias como Machado de Assis e José Veríssimo. Em 1897, participou da fundação da Academia Brasileira de Letras. Escreveu duas obras importantes: "Um Estadista do Império", uma biografia de seu pai e uma análise da política da época, e "Minha Formação", uma obra clássica da literatura brasileira.

Em 1900, o Presidente Campos Sales o nomeou enviado extraordinário e ministro plenipotenciário em Londres para tratar de questões com a Inglaterra sobre os limites da Guiana Inglesa. Nabuco foi embaixador em Londres em 1901 e em Washington a partir de 1905. Em 1906, presidiu a 3ª Conferência Pan-Americana no Rio de Janeiro e, em 1909, viajou a Havana para assistir à restauração do governo nacional cubano.

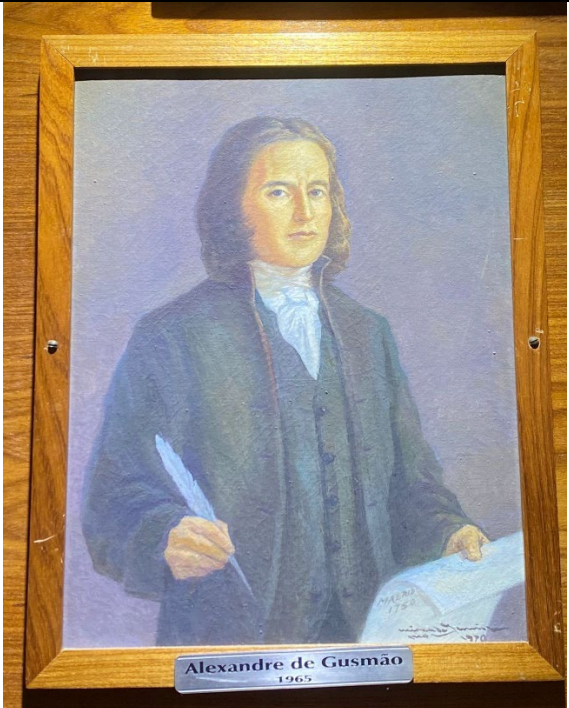
Seu prestígio era notável tanto nos Estados Unidos quanto no Brasil, elogiado por líderes como Theodore Roosevelt e Elihu Root. Joaquim Nabuco faleceu no dia 17 de janeiro de 1910 em Washington. Após sua morte, seu corpo foi trasladado ao Brasil e, em 28 de setembro de 1915, uma estátua em sua homenagem foi inaugurada em Recife. Na data de seu nascimento, 19 de agosto, comemora-se o Dia Nacional do Historiador

## 1964: Patrono Oswaldo Cruz

Patrono	Oswaldo Cruz	 A portrait of Oswaldo Cruz, a man with a mustache, wearing a dark suit and a purple tie. The portrait is set within a wooden frame. Below the frame is a small white nameplate with the text "Oswaldo Cruz 1964".
Biografia	<p>Oswaldo Gonçalves Cruz nasceu em São Luís do Paraitinga (SP), em 5 de agosto de 1872. Sua família transferiu-se em 1877 para o Rio de Janeiro, onde Oswaldo Cruz graduou-se na Faculdade de Medicina (1892) e iniciou sua carreira como médico e sanitarista. Em 1897 Oswaldo Cruz viajou para Paris, onde permaneceu por dois anos estudando microbiologia, soroterapia e imunologia, no Instituto Pasteur, e medicina legal no Instituto de Toxicologia. Regressou ao Brasil em 1899, quando foi designado para organizar o combate ao surto de peste bubônica em Santos (SP) e em outras cidades portuárias. Em 1902, foi nomeado para dirigir o Instituto Soroterápico, atual Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), tendo desenvolvido não só um trabalho de fabricação de vacinas, mas também de medicina experimental. Nesse mesmo ano, foi nomeado diretor geral da Saúde Pública, com o objetivo de erradicar a febre amarela, a peste bubônica e a varíola no Rio de Janeiro. Iniciou um rigoroso programa de combate às moléstias, com isolamento dos doentes, vacinação obrigatória e as famosas brigadas de "mata-mosquitos". Houve forte oposição às medidas adotadas, em especial à vacinação obrigatória, chegando mesmo ao ponto de eclosão da chamada Revolta da Vacina, em 1904. Apesar disso, Oswaldo Cruz empreendeu, entre 1905 e 1906, uma expedição a 30 portos marítimos e fluviais de Norte a Sul do país para estabelecer um código sanitário com regras internacionais. A luta contra as doenças ganhou reconhecimento internacional em 1907, quando Oswaldo Cruz recebeu a medalha de ouro no 14º Congresso Internacional de Higiene e Demografia de Berlim, na Alemanha, pelo trabalho de saneamento do Rio de Janeiro. Oswaldo Cruz ainda reformou o Código Sanitário e reestruturou todos os órgãos de saúde e higiene do país.</p>	

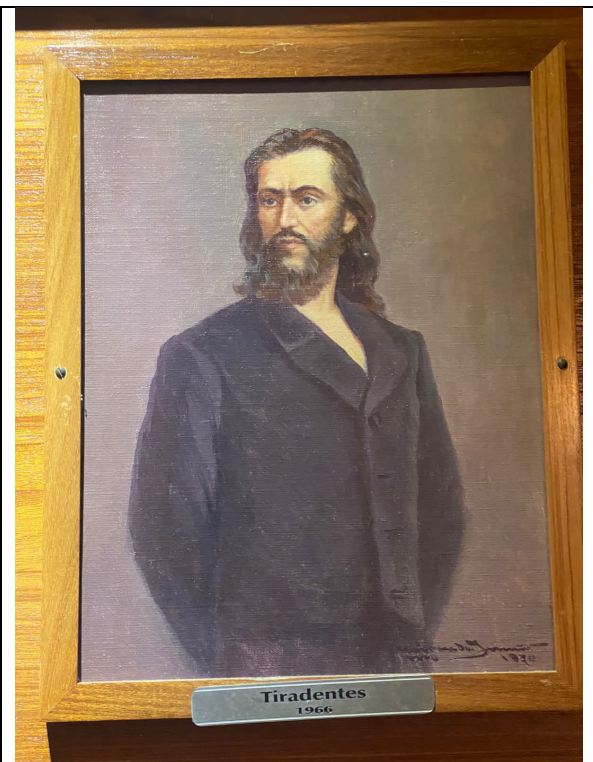
	<p>Em 1909, o médico sanitário deixou a Diretoria Geral de Saúde Pública e passou a se dedicar integralmente ao Instituto de Manguinhos, futuro Instituto Oswaldo Cruz. Como diretor da instituição, ele erradicou a febre amarela no Pará, realizou a campanha de saneamento da Amazônia e participou do combate à malária. Em 1913, entrou para a Academia Brasileira de Letras. Dois anos depois, deixou a direção do Instituto de Manguinhos por motivos de saúde e se mudou para Petrópolis (RJ), onde foi eleito prefeito.</p> <p>Sofrendo de crise de insuficiência renal, morreu nessa mesma cidade, a 11 de fevereiro de 1917, com apenas 44 anos.</p>
--	---

### 1965: Patrono Alexandre Gusmão

<p>Patrono</p>	<p>Alexandre Gusmão</p>	 <p>Alexandre de Gusmão 1965</p>
<p>Biografia</p>	<p>Alexandre de Gusmão nasceu em 1695 em Santos, na então capitania de São Vicente, com o nome de Alexandre Lourenço. Aos sete anos, foi à capitania da Bahia, para estudar no Seminário de Belém, localizado no atual município de Cachoeira (BA). O seminário havia sido fundado e ainda era dirigido pelo Padre jesuíta Alexandre de Gusmão, de quem o jovem Alexandre Lourenço adotou o sobrenome.</p> <p>Por orientação do Padre Gusmão, o jovem Alexandre completou seus estudos de Latim, Lógica, Metafísica, Ética, Retórica e Filosofia no Colégio das Artes (BA). Em 1710, mudou-se para Lisboa para morar junto de um dos irmãos, Bartolomeu, que possuía bons laços com a Corte Portuguesa. Em 1715, Alexandre de Gusmão foi escolhido como Secretário da Embaixada Portuguesa, em Paris. Na capital francesa, graduou-se em Direito Civil, Romano e Eclesiástico (1715-1719), logo após também</p>	

	<p>curvou a Faculdade de Leis, em Portugal. Alexandre de Gusmão conquistou um sólido conhecimento de história política, administrativa e em leis nos países europeus. Também entrou em contato com personalidades do mundo oficial, e com tratados e acordos pelos quais as nações procuravam estabelecer seus direitos, ampliando seus conhecimentos sobre a diplomacia internacional.</p> <p>Atuou como Agente da Casa Portuguesa, em Paris e Roma (1714-1730); participou das negociações relacionadas à paz luso-espanhola de Utrecht, em Paris (1715); foi secretário particular do Rei D. João V (1730-1750) e membro do Conselho Ultramarino (1743-1753); e preparou e conduziu as negociações que levaram à assinatura do Tratado de Madrid (1750), baseado no princípio do <i>uti possidetis</i>. O Tratado de Madrid teve como resultado a triplicação do território brasileiro, enquanto o <i>uti possidetis</i> passou a ser largamente utilizado pela diplomacia brasileira para solucionar questões fronteiriças envolvendo o país.</p> <p>Em 1750, com a morte de D. João V, Alexandre de Gusmão foi afastado do governo pelo novo monarca, D. José I.</p> <p>Alexandre de Gusmão morreu em Lisboa, no dia 31 de dezembro de 1753.</p>
--	---

## 1966: Patrono Tiradentes

<p>Patrono</p>	<p>Tiradentes</p>	 <p>A portrait painting of Tiradentes, a Brazilian revolutionary leader. He is depicted from the chest up, wearing a dark, high-collared coat. He has long, dark hair and a full beard. The portrait is set within a wooden frame. Below the frame, there is a small white label with the text 'Tiradentes 1966'.</p>
<p>Biografia</p>	<p>Joaquim José da Silva Xavier, apelidado Tiradentes, nasceu no dia 12 de novembro de 1746, em uma fazenda no distrito de Pombal, próximo ao arraial de Santa Rita do Rio Abaixo, na então Capitania de Minas Gerais.</p>	

	<p>Tornou-se órfão ainda jovem e não chegou a concluir os estudos regulares, tendo exercido diversas profissões ao longo da vida - dentre elas, a de dentista amador, origem da alcunha pela qual viria a ser conhecido na história do Brasil.</p> <p>O levante foi frustrado devido à confissão de um dos inconfidentes, Joaquim Silvério dos Reis. O movimento foi desmantelado e seus integrantes, presos. Recaiu sobre Tiradentes, todavia, a culpa total pelo movimento, já que foi o único a declarar-se culpado pela conspiração.</p> <p>No governo do Marechal Deodoro da Fonseca, foi publicado decreto que anunciava que o dia 21 de abril seria considerado dia dos “precursores da independência brasileira, resumidos em Tiradentes”. Em 1965, Tiradentes foi transformado em patrono cívico do Brasil, e, a partir de 2002, o dia 21 de abril passou a ser feriado nacional. No local onde foi enforcado, hoje se encontra a Praça Tiradentes. Em Ouro Preto, na antiga cadeia, hoje há o Museu da Inconfidência. Seu nome consta no Livro de Aço do Panteão da Pátria e da Liberdade.</p>
--	--

## 1967: Patrono Marechal Castelo Branco

<p>Patrono</p>	<p>Marechal Castelo Branco</p>	
<p>Biografia</p>	<p>Humberto de Alencar Castelo Branco nasceu em Fortaleza no dia 20 de setembro de 1897, filho do oficial do Exército Cândido Borges Castelo Branco e de Antonieta de Alencar Castelo Branco. Durante a primeira infância, mudou-se constantemente com a família, acompanhando as sucessivas transferências do pai. Em 1912, ingressou no Colégio Militar de Porto Alegre graças a uma alteração de sua data de nascimento, prática comum na época. Foi colega de importantes figuras na vida política do país, como</p>	

Riograndino e Amauri Kruel, Artur da Costa e Silva, Napoleão de Alencastro Guimarães e Néelson e Alcides Etchegoyen. Em 1917, com a conclusão de seu curso, voltou a residir com a sua família, instalada já há alguns anos no Rio de Janeiro. No ano seguinte, ingressou na Escola Militar do Realengo, e declarado aspirante a oficial em 1921.

Embora concordasse com os princípios que levaram à eclosão da revolta tenentista de julho de 1922, considerou que o respeito à hierarquia militar não poderia ser violado e não participou do movimento. Chegou a combater a Coluna Prestes e realizou diversos cursos ao longo de sua carreira, destacando-se sempre pelo comprometimento e pelos resultados obtidos. Em 1932, tornou-se assistente do diretor de estudos militares na Escola Militar do Realengo - essa função projetou-o definitivamente na carreira militar, confirmando sua inclinação para a área de ensino e instrução, e para os serviços de estado-maior. Foi ainda instrutor e adjunto de tática da Escola de Estado-Maior (EEM). Por seu bom desempenho no curso, foi atendido em seu pedido para ingressar na École Supérieure de Guerre, em Paris (1936). Foi também oficial de gabinete do general Eurico Gaspar Dutra enquanto Ministro da Guerra (1940). NO contexto da Segunda Guerra Mundial, participou do estágio em bases militares americanas e integrou o 1º Escalão da Força Expedicionária Brasileira. A atuação de Castelo Branco na conquista de Montese valheu-lhe a única Cruz de Combate de Primeira Classe dada a um membro do Estado-Maior da Divisão. Ao final da guerra, recebeu do Exército norte-americano a Estrela de Bronze.

Por determinação do Mal. Mascarenhas, Castelo Branco ainda permaneceu quase dois meses na Europa, tendo retornado ao Brasil em novembro de 1945 já após a deposição de Vargas e de sua própria promoção, em caráter excepcional, a coronel. Humberto de Alencar Castelo Branco nasceu em Fortaleza no dia 20 de setembro de 1897, filho do oficial do Exército Cândido Borges Castelo Branco e de Antonieta de Alencar Castelo Branco. Durante a primeira infância, mudou-se constantemente com a família, acompanhando as sucessivas transferências do pai. Em 1912, ingressou no Colégio Militar de Porto Alegre graças a uma alteração de sua data de nascimento, prática comum na época. Foi colega de importantes figuras na vida política do país, como Riograndino e Amauri Kruel, Artur da Costa e Silva, Napoleão de Alencastro Guimarães e Néelson e Alcides Etchegoyen. Em 1917, com a conclusão de seu curso, voltou a residir com a sua família, instalada já há alguns anos no Rio de Janeiro. No ano seguinte, ingressou na Escola Militar do Realengo, e declarado aspirante a oficial em 1921.

Embora concordasse com os princípios que levaram à eclosão da revolta tenentista de julho de 1922, considerou que o respeito à hierarquia militar não poderia ser violado e não participou do movimento. Chegou a combater a Coluna Prestes e realizou diversos cursos ao longo de sua carreira, destacando-se sempre



pelo comprometimento e pelos resultados obtidos. Em 1932, tornou-se assistente do diretor de estudos militares na Escola Militar do Realengo - essa função projetou-o definitivamente na carreira militar, confirmando sua inclinação para a área de ensino e instrução, e para os serviços de estado-maior. Foi ainda instrutor e adjunto de tática da Escola de Estado-Maior (EEM). Por seu bom desempenho no curso, foi atendido em seu pedido para ingressar na École Supérieure de Guerre, em Paris (1936). Foi também oficial de gabinete do general Eurico Gaspar Dutra enquanto Ministro da Guerra (1940). NO contexto da Segunda Guerra Mundial, participou do estágio em bases militares americanas e integrou o 1º Escalão da Força Expedicionária Brasileira. A atuação de Castelo Branco na conquista de Montese valeu-lhe a única Cruz de Combate de Primeira Classe dada a um membro do Estado-Maior da Divisão. Ao final da guerra, recebeu do Exército norte-americano a Estrela de Bronze.


Por determinação do Mal. Mascarenhas, Castelo Branco ainda permaneceu quase dois meses na Europa, tendo retornado ao Brasil em novembro de 1945 já após a deposição de Vargas e de sua própria promoção, em caráter excepcional, a coronel. foi designado subchefe do Estado-Maior das Forças Armadas (EMFA). Deixou essa função em agosto de 1954, após o suicídio de Getúlio Vargas.

Em 1956, foi transferido para a Escola Superior de Guerra (ESG). Em 1958, foi promovido a general-de-divisão e assumiu em novembro o Comando Militar da Guarnição da Amazônia e da 8ª RM, com sede em Belém. Deixou esse posto em 1960, para chefiar a Diretoria de Ensino e Formação do Exército.

Em setembro de 1962, depois de promovido a general-de-exército, foi nomeado comandante do IV Exército em Recife, cargo que ocupou até assumir a chefia do EME em setembro do ano seguinte. Deixou a chefia do EME em 13 de abril de 1964, passando então para a reserva com patente de marechal. No dia 15 assumiu a presidência da República, após ter sido eleito pelo Congresso Nacional. Em março de 1967 transmitiu o governo ao general Artur da Costa e Silva. Afastado da vida pública, voltou a lecionar na ESG.


Castelo Branco faleceu no dia 18 de julho de 1967, vitimado por um acidente aéreo ocorrido na localidade de Mondubim, distrito de Fortaleza (CE).

## 1968: Patrono Marechal Mascarenhas de Moraes

Patrono	Marechal Mascarenhas de Moraes	 <p>Marechal Mascarenhas de Moraes 1968</p>
Biografia	<p>João Batista Mascarenhas de Moraes nasceu em São Gabriel (RS), no dia 13 de novembro de 1883.</p> <p>A Revolução Federalista de 1893 fez com que a família se deslocasse para Porto Alegre, onde Mascarenhas viajava para o Rio Pardo de carona em carroças do Corpo de Transportes do Exército para frequentar a Escola Preparatória e Tática do Rio Pardo (1900-1902). Concluiu a Escola com destaque, tendo logo em seguida ingressado na Escola Militar da Praia Vermelha, no Rio de Janeiro. Fechada e extinta a Escola em 1904, foi mandado apresentar-se à tropa como soldado raso de Infantaria e logo a seguir de Artilharia na Fortaleza de São João. Após exames, passou de soldado a aspirante a oficial em 1905. Sua turma teria sido a última marcada pelo “bacharelismo” vigente até então. O restante da formação de Mascarenhas corresponde a um período de mudanças no ensino militar, que passaria a se caracterizar mais pelo profissionalismo e pela elevação da capacidade de operacionalidade.</p> <p>Sua primeira missão foi como demarcador das novas fronteiras do Brasil com a Bolívia, no Acre e Mato Grosso, decorrentes do Tratado de Petrópolis (1903). Num intervalo da missão, que se iniciou em 1910 e só seria concluída em 1914, cursou Engenharia e Estado-Maior.</p> <p>Como comandante da Escola Militar do Realengo (1935-1937), combateu a Intentona Comunista (1935), tendo empregado cadetes na erradicação do foco na Escola de Aviação. Além disso, oficializou, estimulou e dinamizou as bibliotecas Central, a dos Cursos das Armas e Serviços e da Sociedade Militar Acadêmica.</p>	


	<p>Foi incumbido de preparar a defesa do Nordeste brasileiro ante a perspectiva de uma invasão estrangeira. Posteriormente, comandou a vitoriosa ação da Força Expedicionária Brasileira (FEB) em solo italiano, missão por ele definida como “a maior aventura da História do Brasil e do Povo Brasileiro”.</p> <p>Mascarenhas foi investido no posto de Marechal em 1946, e, em 1951, lhe foi garantida a permanência no serviço ativo, em caráter vitalício. Inexiste outro exemplo semelhante na história republicana brasileira.</p> <p>É patrono da cadeira de nº 79 do Instituto de Geografia e História Militar do Brasil. Ao longo de seus 65 anos de serviço, recebeu 27 condecorações, das quais 11 nacionais e 16 internacionais.</p> <p>Em julho de 1957, Mascarenhas assumiu a presidência da comissão de repatriamento dos restos mortais dos pracinhas enterrados em Pistóia, possibilitando a construção do Monumento Nacional aos Mortos da Segunda Guerra Mundial, no Rio de Janeiro, onde repousam nossos heróis mortos na Itália.</p> <p>O Marechal Mascarenhas de Moraes veio a falecer no Rio de Janeiro, em 17 de setembro de 1968.</p>
--	---

### 1969: Patrono Visconde do Rio Branco

<p>Patrono</p>	<p>Visconde do Rio Branco</p>	 <p>A portrait painting of a man in military uniform with a red sash and medals, framed in wood. A small label at the bottom of the frame reads 'Visconde do Rio Branco 1969'.</p>
<p>Biografia</p>	<p>José Maria da Silva Paranhos, Visconde do Rio Branco, nasceu em 16 de março de 1819, na capital da capitania da Baía de Todos os Santos, hoje Salvador.</p> <p>Com a morte do pai e as dificuldades financeiras enfrentadas pela família, mudou-se para o Rio de Janeiro para viver com um tio, um coronel do Exército. Kursou a Academia de Guardas-Marinha e a Escola Militar, diplomando-se em ciências matemáticas e ingressando no magistério. Lecionou nas duas escolas que</p>	

	<p>frequentara anteriormente, tendo alcançado o cargo de diretor nesta última (1875). Colaborou com a imprensa política e literária de seu tempo, tendo sido redator em diversos periódicos, tanto liberais quanto conservadores.</p> <p>Embora de formação militar, dedicou maior tempo de sua carreira à política do Brasil – foi senador pelo Mato Grosso, deputado provincial e geral pelo Rio de Janeiro, diplomata e ministro de Estado por diversas vezes. Foi responsável pela intermediação de conflitos importantes, como a Guerra do Uruguai (1864-1865) e a Guerra do Paraguai (1864-1870), tendo sido incumbido de organizar o Governo Provisório neste país após o término do conflito. Seu gabinete no Conselho de Ministros promoveu importantes mudanças, como a aprovação da Lei do Ventre Livre (1871), a reforma do Código de Processo Criminal (1871), o estímulo à imigração, as leis de naturalização e de controle do trabalho livre, a reforma do Código Comercial, a padronização do sistema métrico e a reforma educacional (1874). Integrou várias associações e academias, foi sócio do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e presidente da Sociedade Auxiliadora da Indústria Nacional. É o patrono da cadeira nº 40 na Academia Brasileira de Letras.</p> <p>O Visconde do Rio Branco faleceu no Rio de Janeiro, a 1º de novembro de 1880.</p>
--	---

## 1970: Patrono Presidente Rodrigues Alves

<p>Patrono</p>	<p>Presidente Rodrigues Alves</p>	
<p>Biografia</p>	<p>Francisco de Paula Rodrigues Alves nasceu no município de Guaratinguetá (SP), em 7 de julho de 1848.</p> <p>Rodrigues Alves fez os primeiros estudos em sua cidade natal, e, em 1859, iniciou os estudos no Colégio Pedro II, onde foi colega de Joaquim Nabuco. Em 1866, ingressou na Faculdade de Direito de São Paulo, destacando-se pelas notas e pela militância política na</p>	

ala conservadora. Após concluir o curso, em 1870, regressou para Guaratinguetá. Sua carreira política teve início em 1872, quando foi eleito deputado provincial na legenda do Partido Conservador. Paralelamente, mantinha atividades de exploração do café, tendo acompanhado a marcha para o oeste paulista. Em 1885 – época em que, pela Lei Saraiva, já existia o voto secreto – foi eleito deputado geral.

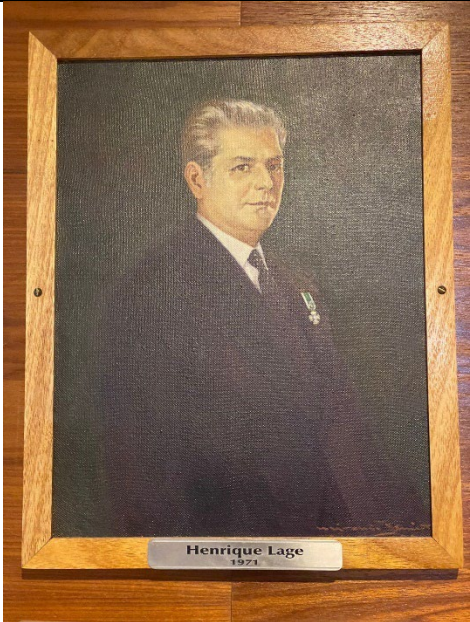
Foi Conselheiro do Império em 1888. Com a proclamação da República, passou a integrar o Partido Republicano Paulista (PRP). Foi Ministro da Justiça (1891-1892) e da Fazenda (1891-1892 e 1894-1896). Foi, em diversas ocasiões, Senador, Deputado Provincial e Presidente de Província, todas as vezes por São Paulo. Em 1901, enquanto presidente de São Paulo, criou o Instituto Butantã, destinado à soroterapia.

Apoiado pelo então presidente Campos Sales, Rodrigues Alves foi eleito presidente da República e assumiu o governo em 15 de novembro de 1902. Se os governos anteriores cuidaram de estabilizar o país, no plano social e econômico, Rodrigues Alves ocupou-se de levar adiante um plano reformista. Suas propostas incluíam a expansão da rede ferroviária nacional; o incentivo à imigração; uma firme gestão financeira; o predomínio civil na vida política e burocrática do país; a atenção à política externa, traduzida no convite a José Maria da Silva Paranhos Júnior, o Barão do Rio Branco, para o Ministério do Exterior; e o saneamento do Rio de Janeiro, capital do país, com a erradicação da febre amarela, a reurbanização da cidade e o melhoramento do porto.

Após o período presidencial, ficou alguns anos afastado de cargos públicos – mas não da vida política. Entre 1912 e 1916, voltou a governar São Paulo, e, em 1918, tornou-se o primeiro presidente na história do país.


Eleito para a presidência em 1918, Rodrigues Alves adoeceu e morreu em 16 de janeiro de 1919 sem conseguir tomar posse de seu segundo mandato.

## 1971: Patrono Henrique Laje

Patrono	Henrique Laje	 A portrait of Henrique Laje, a man in a dark suit and tie, framed in wood. Below the portrait is a small white nameplate with the text "Henrique Laje 1971".
Biografia	<p>Henrique Laje nasceu no Rio de Janeiro, no dia 14 de março de 1881. Era filho de Antônio Martins Laje Filho, armador e industrial português estabelecido no Brasil, e que em 1891 fundaria a Companhia Nacional de Navegação Costeira. Engenheiro e empresário, foi um dos pioneiros e entusiastas da industrialização brasileira.</p> <p>Em 1918, Henrique Laje substituiu o pai na direção de sua companhia de navegação. Expandiu os negócios da família, dedicando-se à construção naval e à extração de carvão mineral em Santa Catarina. Ao adotar uma estratégia empresarial baseada na integração vertical, sob o trinômio carvão, ferro e navio, não apenas multiplicou o patrimônio da família, como demonstrou uma visão de vanguarda a respeito de setores essenciais para o desenvolvimento do país.</p> <p>Elegeu-se deputado federal pelo Rio de Janeiro, então Distrito Federal, em 1934. Como parlamentar, participou de comissões ligadas ao setor naval. Em 1935, criou a Companhia Nacional de Navegação Aérea (1935), responsável pela produção de equipamentos aeronáuticos e pela primeira fábrica de aviões no Brasil. Em 1938 fundou na ilha do Viana o primeiro forno siderúrgico do país. Foi proprietário ou principal acionista de diversas empresas, tendo formado um verdadeiro império empresarial entre as décadas de 1920 e 1930. Seus negócios envolviam ramos diversos como seguros, construção civil, mineração, exploração de ferro. No campo da construção naval, produziu para a Marinha brasileira seis corvetas de mil toneladas cada.</p> <p>Henrique Laje faleceu no Rio de Janeiro em 2 de julho de 1941, deixando viúva Gabriella Benzanzoni, famosa cantora lírica italiana. O famoso Parque Lage fora propriedade da família Laje desde o século XIX, tendo sido vendido em 1913 e recomprado por Henrique Laje sete anos depois. Em 1936, sua esposa transformou</p>	

	o espaço na Sociedade do Teatro Lírico Brasileiro. Anos depois, o parque foi vendido a empresários particulares. Em 14 de junho de 1957, a propriedade foi tombada pelo IPHAN como patrimônio paisagístico, ambiental e cultural. No casarão do século XIX, funciona desde 1975 a Escola de Artes Visuais do Parque Lage (EAV), uma importante referência para as artes no Brasil.
--	--

## 1972: Patrono Pedro I

Patrono	Pedro I	
Biografia	<p>Dom Pedro I nasceu no a 12 de 1798 no Palácio de Queluz, em Lisboa, Portugal. Cognominado “o Libertador”, foi o primeiro imperador do Brasil.</p> <p>Quarto filho de Carlota Joaquina e do monarca português D. João VI. Com a morte precoce de seu irmão em 1801, tornou-se o próximo na linha sucessória. Viveu os primeiros anos de vida em Portugal; todavia, com a invasão do país por tropas francesas no contexto das guerras napoleônicas (1799-1815), a Família Real Portuguesa transferiu-se para o Brasil em 1808. Com o falecimento da avó, a Rainha D. Maria I, e a aclamação de seu pai, D. João VI, como Rei de Portugal, D. Pedro ascendeu, em 1816, a Príncipe Real do Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarves – nosso país fora elevado à condição de reino unido no ano anterior. Em 1817, casou-se por procuração com a arquiduquesa Leopoldina da Áustria, que assumiria o nome de Maria Leopoldina. Alguns anos mais tarde, em 1820, eclodiu em Portugal a Revolução Liberal do Porto, que exigia o retorno de D. João VI a Portugal e a convocação das Cortes para o estabelecimento de uma monarquia constitucional em Portugal. A Família Real retornou a Lisboa em 1821, tendo permanecido D. Pedro como Príncipe Regente do</p>	

Brasil. Apesar da pressão das Cortes para o retorno do herdeiro do trono, D. Pedro manteve-se firme na decisão de permanecer no Brasil e, em 9 de janeiro de 1831, declarou publicamente que aqui ficaria, o que levou a data a ser conhecida como “Dia do Fico”.

A pressão e as ameaças por parte do Parlamento Português só aumentariam e, a 7 de setembro de 1822, o Príncipe Regente, D. Pedro de Alcântara, declarou a separação do Brasil do Reino de Portugal. Seu grito de “Independência ou Morte!”, às margens do Ipiranga, marca o início da história do Brasil como nação independente.

Seu governo foi marcado pela promulgação da primeira Constituição Brasileira (1824), pela eclosão da Confederação do Equador (1824) e pela Guerra da Cisplatina (1825-1828). Em 1826, por ocasião da morte de seu pai, assumiu temporariamente o título de Rei de Portugal e Algarves, como D. Pedro IV. Em seguida, renunciou em nome de sua primogênita, a Princesa D. Maria da Glória.

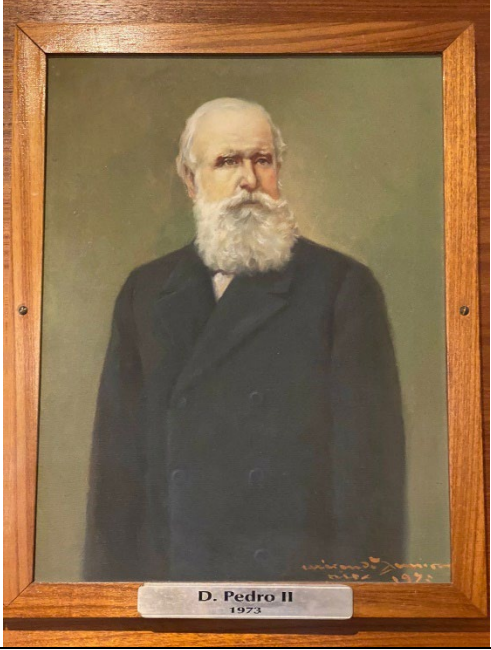
Os desgastes causados pela Guerra da Cisplatina, somados às rixas entre portugueses e brasileiros, à crescente oposição sofrida por D. Pedro I e à notícia de que o meio-irmão do monarca, D. Miguel, deixara de ser regente e fora coroado Rei de Portugal, levaram a um ponto de inflexão nas histórias do Brasil e de Portugal.

Em 7 de abril de 1831, Dom Pedro I abdicou do trono em favor do seu filho, então com seis anos incompletos. Viajou para Portugal para defender o alegado direito ao trono português por parte de sua filha e lutar contra seu irmão absolutista. A Guerra Civil Portuguesa perdurou de 1831 a 1834, com a vitória das forças pedristas e a ascensão ao trono de D. Maria II, filha de D. Pedro I e sobrinha de D. Miguel.

A saúde do monarca deteriorou-se seriamente durante a guerra contra seu irmão e, sofrendo de tuberculose, tombou acamado no Palácio de Queluz em 1834. No mesmo palácio onde nascera, Dom Pedro I viria a falecer em 24 de setembro de 1834.



## 1973: Patrono Pedro II

Patrono	Pedro II	
Biografia	<p>Dom Pedro II nasceu na cidade do Rio de Janeiro em 2 de dezembro de 1825. Era filho de Dom Pedro I e da arquiduquesa da Áustria, Maria Leopoldina. Cognominado “o Magnífico”, foi o segundo e último imperador do Brasil.</p> <p>Desde seu nascimento, foi titulado Príncipe Imperial do Brasil, como herdeiro imediato do Trono do Império do Brasil. Com a abdicação paterna em 8 de abril de 1831, o Príncipe Imperial tornou-se, aos cinco anos de idade, o Imperador D. Pedro II do Brasil. Seguindo o dispositivo constitucional, foi instalada uma Regência para governar o Império do Brasil até a maioridade de D. Pedro. Recebeu educação esmerada, inicialmente sob a tutela de José Bonifácio de Andrada e Silva, e depois sob os olhares vigilantes de Manuel Inácio de Andrade Souto Maior Pinto Coelho, futuro marquês de Itanhaém, e de D. Mariana Carlota de Verna Magalhães Coutinho, futura Condessa de Belmonte. O jovem D. Pedro II foi preparado integralmente para seu papel de imperador. Seu reinado é notável pela estabilidade política que trouxe ao Brasil, conseguindo manter a unidade nacional e evitar grandes crises internas, apesar das tensões políticas e regionais. No campo econômico, incentivou o desenvolvimento do país, promovendo a construção de ferrovias, a modernização dos portos e o avanço na indústria, o que foi fundamental para o crescimento econômico e a integração do vasto território brasileiro.</p> <p>Dentre suas contribuições mais significativas está o apoio à abolição da escravidão, com a promulgação da Lei Áurea em 1888, que aboliu a escravidão no Brasil e foi um passo crucial para a modernização e justiça social do país. O imperador também era um patrono das artes e das ciências, incentivando a educação e a cultura, e promovendo a fundação de instituições culturais e científicas, valorizando o conhecimento e a pesquisa no Brasil. Na política externa, sua postura diplomática buscou fortalecer as</p>	


	<p>relações internacionais do Brasil; o Imperador, entretanto, não se furtou de se impor quando necessário, destacando-se eventos como a Guerra do Paraguai, que consolidou a posição do país no continente sul-americano. Além disso, trabalhou para modernizar a administração pública e o sistema legal, estabelecendo uma estrutura mais eficiente e moderna para o governo.</p> <p>Apesar das realizações, seu governo enfrentou desafios e críticas, incluindo questões econômicas e políticas, que eventualmente levaram à sua deposição e ao fim do Império. No dia 15 de novembro de 1889, foi proclamada a República no Brasil. No dia seguinte organizou-se um "Governo Provisório" chefiado por Deodoro da Fonseca, que determinou o prazo de 24 horas para a família imperial deixar o país.</p> <p>A Família Imperial para Portugal em 17 de novembro de 1889, chegando a Lisboa no dia 7 de dezembro e seguindo para o Porto, onde a imperatriz morreu no dia 28 do mesmo mês. Dom Pedro II, com 66 anos, seguiu sozinho para Paris, ficando hospedado no Hotel Bedford, onde passaria seus dias lendo e estudando.</p> <p>Dom Pedro II faleceu no Hotel Bedford, em Paris, França, no dia 5 de dezembro de 1891, em consequência de uma pneumonia.</p>
--	--

## 1974: Patrono Presidente Gaspar Dutra

<p>Patrono</p>	<p>Presidente Gaspar Dutra</p>	
<p>Biografia</p>	<p>Eurico Gaspar Dutra nasceu em 18 de maio de 1883 em Cuiabá, Mato Grosso. Para ingressar no Exército, alterou seu ano de nascimento para 1885. Em março de 1902, mudou-se para o Rio Grande do Sul para estudar na Escola Preparatória e de Tática, e completou seus estudos em Porto Alegre em 1904. Matriculou-se na Escola Militar do Brasil no Rio de Janeiro, onde participou de um levante contra a vacinação obrigatória, sendo expulso e depois anistiado em 1905. Formou-se instrutor de artilharia e cavalaria, e em 1922 concluiu o curso da Escola de Estado-Maior.</p>	

	<p>Dutra participou da repressão à Revolução Paulista de 1924 e, em fevereiro de 1925, integrou o Estado-Maior do general Otávio de Azeredo Coutinho. Embora tenha combatido a Coluna Paulista, não participou da luta contra a Coluna Miguel Costa-Prestes. Optou por uma postura legalista durante a Revolução de 1930, sendo transferido para Ponta Porã, onde se destacou ao lado do general Bertoldo Klinger. Sua carreira militar não foi prejudicada pelos eventos de 1930, e sua amizade com Benjamin Vargas o aproximou de Getúlio Vargas.</p> <p>Em 1935, Dutra comandou a 1ª Brigada de Infantaria e combateu uma revolta na Escola de Aviação Militar. Em 1936, assumiu o Ministério da Guerra, onde promoveu a modernização do Exército e aprovou leis importantes como o Estatuto dos Militares e a Lei do Serviço Militar. Após o fim da Segunda Guerra Mundial, Dutra apoiou a redemocratização do Brasil e, em outubro de 1945, participou do movimento que depôs Vargas. Candidatou-se à presidência pelo PSD e foi eleito em 2 de dezembro de 1945, assumindo a presidência em 31 de janeiro de 1946.</p> <p>Durante seu governo (1946-1951), promulgou a nova constituição, criou o SESI e o SESC, e estreitou relações com os EUA através da Missão Abbink. Cassou o Partido Comunista Brasileiro e rompeu relações com a URSS. Implementou o plano SALTE e iniciou a construção da usina hidrelétrica de Paulo Afonso e da rodovia Presidente Dutra. Também fundou a Escola Superior de Guerra. Após deixar a presidência, Dutra se manteve ativo politicamente e, em 1965, retirou-se das eleições presidenciais diante do apoio a Castelo Branco. Faleceu no Rio de Janeiro em 11 de junho de 1974.</p>
--	---


## 1975: Patrono Marechal Juarez Távora

<p>Patrono</p>	<p>Marechal Juarez Távora</p>	
----------------	-------------------------------	--

Biografia	<p>Juarez do Nascimento Fernandes Távora nasceu no município de Jaguaribemirim, atual Jaguaribe (CE), no dia 14 de janeiro de 1898. Fez os primeiros estudos em Estreito (CE), tendo seguido depois para o Rio de Janeiro, em 1911, para o Rio de Janeiro, a fim de fazer os estudos secundários. Chegou a ingressar na Escola Politécnica do Rio de Janeiro em 1915, mas precisou interromper os estudos por dificuldades financeiras; transferiu-se, então, para a Escola Militar do Realengo, tendo saído em dezembro de 1919 aspirante a oficial da arma de engenharia. Participante ativo do Tenentismo, envolveu-se diretamente nos levantes de 1922 e 1924 contra o governo de Artur Bernardes, integrou a Coluna Prestes e chegou a buscar exílio em países vizinhos para evitar a prisão. O rompimento dos governos de Minas Gerais, Rio Grande do Sul e Paraíba com o presidente da República, Washington Luís, favoreceu o retorno de rebeldes exilados e políticos que divergiam do governo federal, e que viram nesse contexto a oportunidade para iniciar entendimentos visando a apoiar a candidatura de Getúlio Vargas. Garantiu a adesão dos estados do Nordeste à Revolução de 1930, tendo sido designado delegado militar junto às interventorias do Norte e Nordeste, desde o território do Acre até o estado da Bahia, e passando a ser chamado pela imprensa de “Vice-Rei do Norte”. Combateu os revoltosos paulistas de 1932 e, em dezembro do mesmo ano, foi convidado por Getúlio Vargas para a pasta da Agricultura. Apesar de se opor à ideia de militares ocuparem cargos civis, Juarez aceitaria o convite pelo desejo de colaborar com os governos do Nordeste em relação aos problemas das secas. À frente do Ministério da Agricultura, regulamentou as profissões de agrônomo e veterinário, e criou uma série de diretorias e institutos, dentre os quais o Instituto do Açúcar e do Alcool (1933), e colocou o café, principal produto de exportação, sob maior controle do governo federal. Como ministro da Agricultura, Juarez colaborou ainda com os trabalhos de criação do Instituto Brasileiro de Estatística, que surgiria em 1935 já sob o nome de Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Após a eleição indireta de Vargas em 1934, Juarez Távora exonerou-se da pasta da Agricultura e retornou ao Rio de Janeiro, retomando a carreira militar. Terminou o curso de estado-maior em 1941 e ajudou a organizar a Força Expedicionária Brasileira. Foi membro da Junta Interamericana de Ajuda e Defesa. Coursou a Escola Superior de Guerra em 1951, sendo nomeado comandante da ESG no ano seguinte. Durante sua gestão, entre as principais medidas que tomou destacam-se a instalação do Curso de Estado-Maior e Comando das Forças Armadas, que vinha sendo objeto de estudo desde 1951, e a ampliação do acesso de civis aos cursos da ESG. Foi chefe do Gabinete Militar da Presidência da República no Governo Café Filho (1954-55).</p> <p>Transferiu-se para a reserva em 1956 e, a partir de 1957, passou a viajar anualmente para a Europa a fim de submeter-se a tratamento de saúde a fim de submeter-se a tratamento de saúde pela piora das crises de espru, doença tropical que contraiu em sua</p>
-----------	--

	<p>peregrinação pelo interior do Brasil e que o atormentou durante toda a vida. Nas eleições de outubro de 1962, Juarez elegeu-se deputado federal, assumindo o mandato em fevereiro do ano seguinte. Por ocasião do movimento político-militar de 1964, Juarez manteve-se fiel ao juramento que fizera em 1956, quando do suicídio de Getúlio Vargas, e não participou do movimento. No governo Castelo Branco, assumiu o Ministério de Viação e Obras Públicas.</p> <p>Ao iniciar-se em março de 1967 o governo de Artur da Costa e Silva, o Ministério da Viação e Obras Públicas foi extinto e foi criado o Ministério dos Transportes, passando à jurisdição deste os subsetores de transporte. Logo após deixar o cargo, Juarez foi convidado para integrar o diretório da ARENA, ao que recusou por motivos de saúde. Abandonando então a vida pública, passou a dedicar-se a escrever as suas memórias.</p> <p>Faleceu no Rio de Janeiro no dia 18 de julho de 1975.</p>
--	--

## 1976: Patrono Almirante Álvaro Alberto

<p>Patrono</p>	<p>Almirante Álvaro Alberto</p>	
<p>Biografia</p>	<p>Álvaro Alberto da Motta e Silva nasceu no Rio de Janeiro em 22 de abril 1889. Ingressou na Escola Naval em 1906. Graduou-se Físico e Engenheiro Geógrafo pela Escola Politécnica do Rio de Janeiro em 1911. Iniciou-se sua carreira no magistério em 1916, quando passou a lecionar química dos explosivos na Escola Naval. Em 1939, tornou-se catedrático do Departamento de Físico-Química da Escola Naval e incluiu o estudo da Física Nuclear no currículo da instituição. Durante mais de trinta anos, dedicou-se ao magistério sem abandonar suas pesquisas, especialmente na área de explosivos e também com estudos mais aprofundados de física nuclear.</p>	


	<p>Fundou a Sociedade Brasileira de Química em 1922 e presidiu a Academia Brasileira de Ciências em 1935. Em 1942, transferiu-se para a reserva como Capitão de Mar e Guerra. Posteriormente, como forma de reconhecimento de seus feitos, foi promovido pelo Presidente a Contra-Almirante (1949) e a Vice-Almirante (1955). É reconhecido como um dos idealizadores e primeiro presidente do Conselho Nacional de Pesquisas, o CNPq. À frente do CNPq, percebendo a potência do Brasil em áreas estratégicas, escreveu o primeiro programa de Política Nuclear do Brasil, além de criar a Comissão Nacional de Energia Nuclear, o Instituto de Matemática Pura e Aplicada, o Instituto de Pesquisas da Amazônia e o Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação. O Almirante Álvaro Alberto foi também representante brasileiro na Comissão de Energia Atômica (CEA) da Organização das Nações Unidas, Presidente da Academia Brasileira de Ciências (ABC) e Presidente da Liga Nacional de Defesa.</p> <p>Faleceu em 31 de janeiro de 1976 e, em sua homenagem, a Central Nuclear de Angra dos Reis passou a se chamar Central Nuclear Almirante Álvaro Alberto. Em 1981, o CNPq instituiu o Prêmio Almirante Álvaro Alberto para Ciência e Tecnologia, atribuído ao pesquisador que tenha se destacado pela realização de obra científica ou tecnológica de reconhecido valor para o progresso da sua área.</p>
--	---

## 1977: Patrono Henrique Dias

<p>Patrono</p>	<p>Henrique Dias</p>	
<p>Biografia</p>	<p>Henrique Dias nasceu na capitania de Pernambuco no começo do século XVII, em data desconhecida. Filho de escravos libertos, não existe consenso entre os historiadores se nasceu cativo ou livre. Participou de inúmeros combates e foi ferido diversas vezes. Distinguiu-se pela bravura nos combates de Igarauçu e teve</p>	

	<p>participação importante na reconquista de Goiana Na Batalha de Porto Calvo, em 18 de fevereiro de 1637, Henrique Dias perdeu a mão esquerda, estraçalhada por um tiro de arcabuz, mas se recusou a abandonar o combate.</p> <p>Como mestre de campo, comandou um batalhão de negros livres e cativos na guerra contra os holandeses – o Terço de Homens Pretos e Mulatos do Exército Patriota, também denominado “Terço dos Henriques”. Em novembro de 1647, foi ao Rio Grande do Norte expulsar os invasores. Três meses depois de regressar a Pernambuco, tomou parte na Primeira Batalha dos Guararapes (1648) e recebeu a missão de Barreto de Menezes de recuperar Olinda. Os ataques contra o seu reduto eram quase diários, pois a necessidade sobrevivência inimiga era primordial. Na Segunda Batalha dos Guararapes (1649), foi ferido gravemente e sua vida correu grande perigo. Com a vitória final em 1654, D. João IV determinou que lhe fosse concedida a Comenda dos Moinhos de Soure da Ordem de Cristo.</p> <p>Faleceu em 7 ou 8 de junho de 1662, no Recife, tendo sido enterrado em local desconhecido. Hoje existe em sua homenagem uma placa na Capela Dourada. Em 1992, foi escolhido patrono do 28º Batalhão de Infantaria Blindada, atualmente 28º Batalhão de Infantaria Leve (28º BIL), localizado em Campinas (SP).</p> <p>A Lei nº12.701, de 6/8/2012, incluiu seu nome no Livro de Heróis da Pátria, depositado no Panteão da Pátria, em Brasília.</p>
--	--

## 1978: Patrono Carlos Chagas

Patrono	Carlos Chagas	 <p>A portrait painting of Carlos Chagas, showing a man with dark hair and a mustache, wearing a light-colored shirt. The painting is on a wooden frame. Below the painting is a small plaque that reads "Carlos Chagas 1978".</p>
Biografia	<p>Carlos Ribeiro Justiniano Chagas nasceu em 9 de julho de 1879, numa fazenda próxima à cidade de Oliveira, oeste de Minas Gerais. Terminou jovem o curso de humanidades em Ouro Preto e, em 1897, se mudou para o Rio de Janeiro para cursar a Faculdade de Medicina. Concluído o curso, escolheu como tema de sua tese o “Estudo Hematológico do Paludismo”, o que o colocou em contato com o sanitarista Oswaldo Cruz.</p>	


Em 1905, foi encarregado por Oswaldo Cruz de coordenar medidas de profilaxia a malária em Itatinga, interior de São Paulo. Foi a primeira campanha antimalárica bem sucedida da história desta doença, e os resultados serviram de base para o combate efetivo no mundo inteiro. Em 1906, ingressou nos quadros do Instituto de Manguinhos (futuro Instituto Oswaldo Cruz), onde trabalhou por toda a sua vida. No ano seguinte, foi designado encarregado do combate de outros focos de epidemia de malária. No final de 1907, se encontrava em Lassance, norte de Minas Gerais, onde a doença devastava o acampamento dos trabalhadores da Estrada de Ferro Central do Brasil. Enquanto coordenada as atividades de profilaxia, costumava observar e examinar espécies da fauna brasileira – no povoado em questão, verificou a presença de um inseto hematófago, que proliferava nas paredes barreadas das casas de pau-a-pique e era popularmente conhecido como barbeiro. No ano seguinte, Chagas encontrou um protozoário flagelado no intestino desses insetos, e testes realizados no Instituto de Manguinhos comprovaram tratar-se de um novo tipo de tripanossoma, o *Tripanossoma cruzi*, assim chamado em homenagem a Oswaldo Cruz. Pouco depois, em abril de 1909, Carlos Chagas descobriu pela primeira vez o parasito no sangue de um ser humano: a menina Berenice, considerada o primeiro caso da doença de Chagas. O feito foi considerado único na história da medicina: o mesmo pesquisador, num curto espaço de tempo, identificara o vetor, o parasito e uma nova enfermidade. O feito ganhou nota publicada no Archiv für Schiff und Tropenhygiene, da Alemanha, e no Bulletin de la Société de Pathologie Exotique, da França. Em seguida, ganhou o prêmio Schaudinn, do Instituto de Medicina Tropical de Hamburgo, Alemanha, dado, a cada quatro, a mais importante contribuição em protozoologia

Com a morte de Oswaldo Cruz, Carlos Chagas se tornou diretor do Instituto em 1917. No ano seguinte, a gripe espanhola assolava a população, então, foi convocado pelo governo de Venceslau Brás para atuar contra a epidemia. Também foi encarregado pelo presidente Epiácio Pessoa de elaborar um novo código para a Saúde Pública. Com o novo Departamento Nacional de Saúde Pública (DNSP), criou diversos serviços especializados em saúde. Também foi professor da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, onde inaugurou a cadeira de moléstias tropicais e estabeleceu as bases do estudo de higiene.

Carlos Chagas faleceu subitamente aos 55 anos, por problemas cardíacos, em 8 de novembro de 1934.

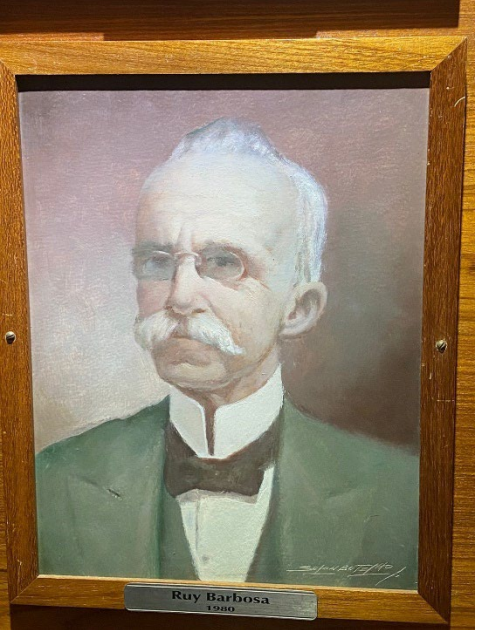


## 1979: Patrono Marechal Salvador César Obino

Patrono	Marechal Salvador César Obino	 A portrait painting of Marechal Salvador César Obino, a man with glasses, wearing a green military uniform with epaulettes and medals. The painting is on a wooden frame. Below the painting is a small plaque with the text "Marechal Salvador César Obino" and "1886-1979".
Biografia	<p>Salvador César Obino nasceu em 12 de fevereiro de 1886, em Bagé (RS).</p> <p>Iniciou sua vida militar na Escola Preparatória e de Tática de Rio Pardo (RS) e, em 14 de fevereiro de 1908, foi declarado Aspirante a Oficial da arma de Infantaria, egresso da Escola de Guerra de Porto Alegre. Em 1910, concluiu o curso de Artilharia no Rio de Janeiro, e sempre buscou permanecer se aperfeiçoando. Comandou, entre 1928 e 1929, o Centro de Preparação de Oficiais da Reserva de Porto Alegre (CPOR/PA).</p> <p>Salvador César Obino assumiu, também, ao longo de sua carreira, funções de destaque como a de Chefe do Estado Maior da 3ª Região Militar, Comandante da Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais (EAO), Diretor de Ensino do Exército, Comandante da 1ª e da 3ª Região Militar, Chefe do Estado Maior do Exército (EME), Presidente do Clube Militar, Chefe do Estado Maior das Forças Armadas, Presidente da Comissão Militar Mista Brasil-Estados Unidos e Comandante da Zona Militar do Sul (atual Comando Militar do Sul). Além disso, foi um dos quarenta primeiros oficiais agraciados, no Grau Comendador, com Ordem do Mérito Militar.</p> <p>No período de instabilidade ocasionado pela Segunda Grande Guerra, percebeu-se a necessidade dos países se prepararem para eventos futuros. Com essa motivação, o então General Obino, enquanto Presidente da Comissão Militar Mista Brasil-Estados Unidos, assumiu o ideal de organizar uma escola que tivesse a mesma função das escolas norte-americanas a nível do Estado Maior das Forças Armadas. Desta maneira, surgiu a Escola Superior de Guerra (ESG), que até hoje se mantém preocupada com a preparação de militares e civis para a segurança e desenvolvimento da nação brasileira.</p>	


Faleceu em Porto Alegre no dia 1º de setembro de 1979.

## 1980: Patrono Rui Barbosa

Patrono	Rui Barbosa	 A portrait painting of Rui Barbosa, an elderly man with a white mustache and glasses, wearing a dark suit and a bow tie. The portrait is framed in wood and has a small plaque at the bottom that reads "Rui Barbosa 1849".
Biografia	<p>Rui Barbosa de Oliveira nasceu em 5 de novembro de 1849, Salvador (BA). Foi advogado, jornalista, jurista, político, diplomata, ensaísta e orador</p> <p>Depois dos estudos preparatórios na Província natal, foi fazer o curso jurídico em Recife. Conforme tradição da época, transferiu-se, em 1868, para a Faculdade de Direito de São Paulo. Após a formatura, em 1870, mudou-se para o Rio de Janeiro, onde iniciou a carreira na tribuna e na imprensa, abraçando como causa inicial a abolição da escravatura. Lutou em defesa da Federação e pela fundação da República. Proclamada a República, Rui foi escolhido para Ministro da Fazenda do Governo Provisório, e respondeu, durante algum tempo, pela pasta da Justiça. Como liberal e grande conhecedor do pensamento político-constitucional anglo-americano, influenciou, sobremaneira, a primeira Constituição republicana do Brasil.</p> <p>Uma das mais significativas contribuições de Rui Barbosa à Constituição de 1891, foi atribuir ao recém-criado Supremo Tribunal Federal, o controle sobre a constitucionalidade das leis e atos do Legislativo e Executivo. Como o projeto constitucional não contemplava a garantia da liberdade do indivíduo em situações de violência ou coação, por ilegalidade ou abuso de poder, Rui acrescentou-lhe o direito ao habeas-corpus. Assim, foi Rui Barbosa quem transformou o STF no guardião da Constituição e, em especial, dos direitos e liberdades individuais. Rui ficou conhecido defensor das liberdades individuais e par inseparável do habeas corpus. Entre 1893 e 1895, viveu fora do Brasil; ao regressar, tomou assento no Senado, no qual se conservaria até a morte, sucessivamente reeleito.</p>	

	<p>Participou da 2ª Conferência da Paz de Haia, em 1907, onde defendeu, sobretudo, o princípio da igualdade jurídica das nações soberanas. Fundou o Partido Liberal em 1913. Em 1921, foi eleito juiz da Corte Internacional de Justiça, como o mais votado, recebendo as mais significativas homenagens do Brasil e de todo o mundo. Em 1922, proferiu o último discurso no Senado, concedendo o estado de sítio ao governo para dominar o movimento revolucionário.</p> <p>Faleceu em Petrópolis (RJ), em 10 de março de 1923.</p>
--	--

## 1981: Patrono Marechal Cordeiro de Farias

<p>Patrono</p>	<p>Marechal Cordeiro de Farias</p>	 <p>A portrait of Marechal Cordeiro de Farias, a Brazilian military leader. He is depicted from the chest up, wearing a dark military uniform with a high collar and several medals on his chest. He has short, light-colored hair and is looking slightly to the right. The portrait is set within a wooden frame. Below the portrait, there is a small plaque that reads 'Marechal Cordeiro de Farias 1981'.</p>
<p>Biografia</p>	<p>Oswaldo Cordeiro de Farias nasceu em 19 de outubro de 1907, em São João Nepomuceno, Minas Gerais.</p> <p>Iniciou sua carreira no Exército Brasileiro, onde se destacou como tenente e, posteriormente, como major. Sua atuação foi fundamental durante o movimento tenentista, uma revolta militar que buscava reformas políticas e sociais no início do século XX.</p> <p>Durante o governo de Getúlio Vargas, Cordeiro de Farias assumiu papéis importantes, incluindo o de assessor militar, onde contribuiu para a consolidação do Estado Novo e a estruturação da política nacional. Sua influência foi notável também na Segunda Guerra Mundial, onde desempenhou funções estratégicas que ajudaram a alinhar o Brasil aos interesses dos aliados.</p> <p>Em 1949, após a guerra, Cordeiro de Farias foi designado para ajudar na fundação da Escola Superior de Guerra, uma instituição que visava a modernização das estratégias militares brasileiras e a formação de líderes qualificados. Sua visão e esforços foram essenciais para a criação de um sistema de ensino que prepararia os futuros líderes militares do país. Sua trajetória é marcada por uma combinação de coragem e inovação, deixando um legado duradouro na história do Brasil. Sua contribuição ao</p>	


	<p>desenvolvimento militar e político do país é amplamente reconhecida e continua a influenciar a estratégia e a administração militar até hoje.</p> <p>Oswaldo Cordeiro de Farias faleceu em 24 de agosto de 1966.</p>
--	---

## 1982: Patrono Marechal do Ar Eduardo Gomes

<p>Patrono</p>	<p>Marechal do Ar Eduardo Gomes</p>	
<p>Biografia</p>	<p>Eduardo Gomes nasceu em Petrópolis, em 20 de setembro de 1896. Foi aviador, militar e político brasileiro.</p> <p>Sentou praça na Escola Militar de Realengo em 31 de abril de 1916, sendo declarado Aspirante-a-Oficial da Arma de Artilharia em 17 de dezembro de 1918. Participou do movimento dos 18 do Forte, quando foi gravemente ferido. Em 1927, quando da criação da Arma de Aviação, compôs a Primeira turma de oficiais transferidos para a nova Arma. Com a criação do Ministério do Aeronáutica, foi transferido para a Força Aérea Brasileira e, a 12 de dezembro de 1941, assumiu o Comando da 2ª Zona Aérea, acumulando, ainda, por 45 dias, o da 1ª Zona Aérea.</p> <p>Permaneceu à frente da 2ª Zona Aérea até janeiro de 1945, tendo participado da organização e construção das Bases Aéreas que iriam desempenhar importante papel na 2ª Guerra Mundial.</p> <p>Pelos seus serviços à causa aliada, recebeu honrosa citação do governo americano que, em agosto de 1943, outorgou-lhe a Comenda da Legião do Mérito. Ao longo de sua vida, recebeu ainda diversas outras condecorações, nacionais e estrangeiras Foi Ministro da Aeronáutica nos governos Café Filho, Carlos Luz e Castelo Branco.</p> <p>Foi transferido para a reserva em 13 de setembro de 1960, e promovido ao Posto de Marechal-do-Ar em 22 de setembro de 1960.</p> <p>Eduardo Gomes faleceu no dia 13 de junho de 1981.</p>	

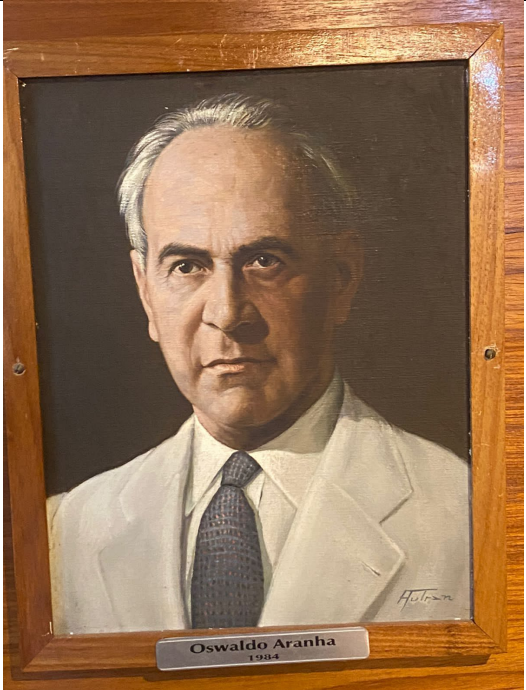
Foi proclamado Patrono da Força Aérea Brasileira, de acordo com a Lei no 7.243, de 6 de novembro de 1984.

## 1983: Patrono General Euclides Figueiredo

Patrono	General Euclides Figueiredo	 <p>General Euclides Figueiredo 1883-1955</p>
Biografia	<p>Euclides de Oliveira Figueiredo nasceu no Rio de Janeiro, em 12 de novembro de 1883.</p> <p>Ingressou no Colégio Militar em 1893 e, em seguida, na Escola Militar da Praia Vermelha. Era alferes-aluno dessa escola quando, em novembro de 1904, tomou parte junto com seus colegas na revolta contra a vacina obrigatória, medida recém-decretada pelo governo de Rodrigues Alves. Sufocado o movimento, a escola foi fechada e Euclides Figueiredo foi preso, assim como seus companheiros, sendo anistiado e reincorporado ao Exército em novembro de 1905.</p> <p>Promovido a segundo-tenente em 1908, cursou a Escola de Artilharia e Engenharia do Realengo, tornando-se bacharel em Ciências Físicas e Matemáticas em 1910. Em 1911, iniciou estágio de dois anos em um regimento de cavalaria do Exército alemão sediado em Ohlau, na Prússia Oriental.</p> <p>Desempenhou as funções de auxiliar técnico da Diretoria de Administração do Exército, adjunto do estado-maior da 4ª Região Militar, sediada em Juiz de Fora (MG), instrutor da Escola Militar do Realengo, no Rio, e adjunto do Estado-Maior do Exército, sendo promovido a capitão em março de 1919.</p> <p>Colocou-se veementemente contra a Revolução de 1930, iniciando uma oposição cerrada e duradoura ao novo presidente da República. Participou da Revolução Constitucionalista de 1932 e chegou a ser preso em mais de uma ocasião durante a Era Vargas. Com a reorganização partidária ocorrida em 1945, Euclides Figueiredo ingressou na União Democrática Nacional (UDN), sendo</p>	


	<p>eleito deputado da Assembleia Nacional Constituinte. Na Constituinte, apresentou dois importantes projetos de lei: o que propôs a extinção da Polícia Especial, órgão remanescente do Estado Novo, e o que encaminhou a Lei de Direitos Autorais, elaborada pela Associação Brasileira de Escritores.</p> <p>Em 11 de abril de 1946, Euclides Figueiredo voltou ao serviço ativo do Exército no posto de General-de-Brigada e, na mesma data, passou para a reserva como General-de-Divisão.</p> <p>Faleceu em Campinas, em 20 de dezembro de 1963.</p>
--	--

## 1984: Patrono Oswaldo Aranha

<p>Patrono</p>	<p>Oswaldo Aranha</p>	
<p>Biografia</p>	<p>Oswaldo Euclides de Sousa Aranha nasceu em Alegrete (RS) no dia 15 de fevereiro de 1894.</p> <p>Graduado pela Faculdade de Ciências Jurídicas e Sociais, hoje Faculdade Nacional de Direito da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), logo em seguida passou uma temporada de estudos em Paris. Em 1923, tinha 29 anos quando explodiu a luta entre chimangos e maragatos — e ele chegou a pegar em armas para lutar a favor do sistema republicano em seu estado. Dois anos mais tarde tornou-se prefeito de sua cidade natal. Em 1927, foi eleito deputado federal. No ano seguinte, foi nomeado secretário de Negócios Interiores e Exteriores do Rio Grande do Sul.</p> <p>Foi um dos principais articuladores da chamada Aliança Liberal, campanha que organizou o movimento que deporia o presidente Washington Luís na chamada Revolução de 1930. Nos primeiros anos do Governo Vargas, foi ministro da Justiça (1930-31) e, depois, da Fazenda (1931-34).</p> <p>Em 1934, após uma série de desentendimentos com Vargas, Aranha pediu demissão do cargo e foi nomeado embaixador brasileiro em Washington. Em 1938, ambos se aproximaram mais</p>	

	<p>uma vez, e Oswaldo Aranha acabou nomeado ministro das Relações Exteriores.</p> <p>Quando a Organização das Nações Unidas foi criada, ele logo assumiu o cargo de chefe da delegação brasileira, a partir de 1947. Nesse contexto, teve papel-chave na criação do Estado de Israel: Aranha se tornou o presidente da II Assembleia Geral da ONU, justamente aquela que votou o plano para a partição da Palestina. Sua preocupação humanista buscava uma solução para um povo que havia sido tão perseguido, que havia acabado de sofrer o Holocausto na Segunda Guerra. Suas habilidades políticas e diplomáticas garantiram boa votação e a consequente aprovação da resolução. boa votação e a consequente aprovação da resolução.</p> <p>Após o suicídio de Vargas, afastou-se da vida política. Em 1957, durante o governo de Juscelino Kubitschek, voltou a chefiar a delegação brasileira na XII Assembleia Geral da ONU, tendo defendido uma redefinição da política externa brasileira, inclusive o reatamento das relações diplomáticas com a União Soviética.</p> <p>Oswaldo Aranha foi membro de diversas entidades, entre elas o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, o Real Gabinete Português de Leitura, o Instituto da Ordem dos Advogados e a Sociedade Pan-Americana do Brasil.</p> <p>Faleceu no Rio de Janeiro, em 27 de janeiro de 1960.</p>
--	--

## 1985: Patrono Tancredo Neves

<p>Patrono</p>	<p>Tancredo Neves</p>	
<p>Biografia</p>	<p>Tancredo de Almeida Neves nasceu em São João del-Rei (MG) no dia 4 de março de 1910.</p> <p>Formou-se em 1932 pela Faculdade de Direito de Belo Horizonte, onde teve seu primeiro contato com a luta política ao participar da campanha da Aliança Liberal. Iniciou a carreira política em 1935,</p>	


como vereador em sua cidade natal. Chegou a ser preso em 1937, mas logo no ano seguinte assumiu o cargo de Promotor Público. Em 1947, Tancredo foi eleito Deputado Estadual pelo Partido Social Democrático (PSD), permanecendo no cargo até 1950. Foi Deputado Federal em cinco legislaturas, entre 1951-1953 e 1963-1978. Sua carreira política ganhou evidência a partir de 1953, quando o presidente Getúlio Vargas o nomeou Ministro da Justiça (1953-1954). Deixou a pasta depois do suicídio de Getúlio em agosto de 1954 e reassumiu suas funções na Câmara. Passou então a dedicar-se à articulação da candidatura do governador mineiro, Juscelino Kubitschek, à presidência da República, e tornou-se uma espécie de conselheiro política do Presidente Kubitschek. Foi ainda diretor do Banco de Crédito Real de Minas Gerais, da Carteira de Redesconto do Banco do Brasil e da Secretaria de Finanças de Minas durante o governo JK (1956-61). Em novembro de 1960, pouco antes de concluir seu mandato, Juscelino nomeou Tancredo Neves para a presidência do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico (BNDE). Tancredo ocupou o cargo até março de 1961, já durante o governo de Jânio Quadros.

Com a renúncia de Jânio em agosto, desempenhou importante papel no encaminhamento da solução para a crise provocada pelo veto militar à posse do vice-presidente João Goulart. Foi assim escolhido para chefiar o gabinete parlamentarista do governo Goulart. Deixou o gabinete em junho de 1962, e foi reeleito para a Câmara. Chegou a ser eleito líder da maioria, mas perdeu essa condição com o movimento que depôs Goulart em 1964.

Foi um dos principais líderes da campanha pelo restabelecimento das eleições diretas para presidente da República. Com a rejeição da proposta no Congresso Nacional, foi lançado candidato ao Colégio Eleitoral pela Aliança Democrática, coligação formada pelo PMDB e por dissidentes governistas reunidos na Frente Liberal. Foi eleito presidente, por via indireta, no dia 15 de janeiro de 1985, mas não chegou a assumir a presidência, tendo sido internado com uma grave doença na véspera de sua posse, marcada para 14 de março. Tancredo Neves faleceu em Brasília na noite de 21 de abril de 1985. A Presidência foi assumida pelo Vice, José Sarney.



## 1986: Patrono Salgado Filho

Patrono	Salgado Filho	 A portrait painting of Salgado Filho, a man with a mustache, wearing a dark suit, white shirt, and light-colored tie. The portrait is set in a wooden frame. Below the frame is a small plaque that reads "Salgado Filho 1986".
Biografia	<p>Joaquim Pedro Salgado Filho nasceu em Porto Alegre (RS) no dia 2 de julho de 1888.</p> <p>Em 1908, formou-se na Faculdade Livre de Direito do Rio de Janeiro e ingressou no 1º Batalhão de Infantaria, também no Rio de Janeiro. Em 1917 foi nomeado suplente de juiz na 2ª Pretoria Criminal, exercendo o cargo até 1922. Apoiou a Revolução de 1930 e em novembro do mesmo ano foi nomeado quarto-delegado auxiliar da Polícia de Distrito Federal, assumindo a chefia da Polícia em 1931. Em 1932, foi nomeado ministro do Trabalho, Indústria e Comércio. Salgado Filho ocupou-se, ainda, da organização dos sindicatos profissionais, regulamentou o horário de trabalho no comércio e na indústria e, em março de 1933, instituiu a carteira profissional.</p> <p>Durante sua gestão no Ministério do Trabalho, transformou o seguro social brasileiro, ao adotar a organização previdenciária em torno de categorias funcionais de trabalhadores. Foram criadas também diversas caixas de aposentadoria e pensões, posteriormente transformadas em institutos. Permaneceu no Ministério do Trabalho até 23 de julho de 1934. Nesse ano, elegeu-se deputado federal classista, representando os profissionais liberais. No início de 1938, Salgado Filho foi nomeado presidente da Comissão-Especial de Legislação Social. Dois meses depois, foi indicado para substituir o ministro João Paulo Barbosa Lima no Superior — então Supremo — Tribunal Militar (STM). No dia 20 de janeiro de 1941, em plena Segunda Guerra Mundial, Salgado Filho foi nomeado para o recém-criado Ministério da Aeronáutica, tendo sido seu primeiro titular. Sua gestão foi marcada pela necessidade de unificar os serviços aéreos da Marinha e do Exército e os respectivos centros de treinamento, assim como de intensificar a</p>	

formação de pessoal, base de todo o programa de expansão das forças aéreas nacionais, denominação que, em maio de 1941, foi modificada para Força Aérea Brasileira (FAB). Criou no Campo dos Afonsos, no Distrito Federal, a Escola de Aeronáutica, que passou a centralizar todos os cursos de formação de oficiais da força aérea. Organizou também a Escola de Especialistas da Aeronáutica, localizada na ponta do Galeão, no Distrito Federal, dedicada à formação de sargentos. Posteriormente, para evitar a sobrecarga da Escola de Aeronáutica, viria a criar o Centro de Preparação de Oficiais da Reserva da Aeronáutica (CPORAer, em agosto de 1942) e o Centro de Instrução Pré-Aeronáutica (setembro de 1942), também destinado ao pessoal da reserva.

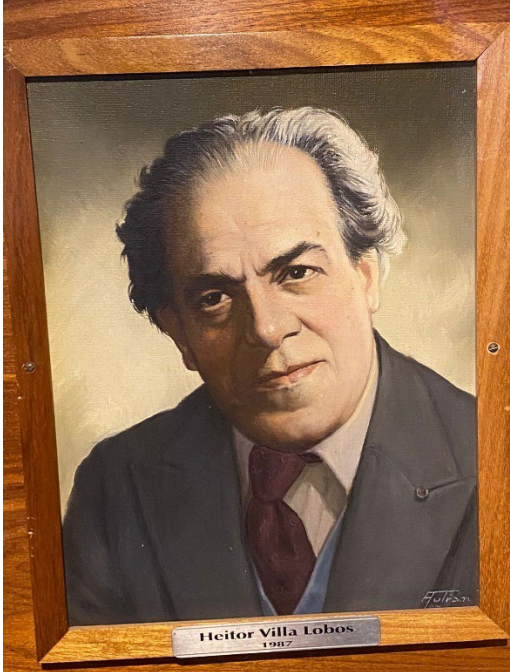
Permaneceu no Ministério da Aeronáutica até 29 de outubro de 1945, data da deposição de Getúlio Vargas. No dia seguinte, transmitiu o cargo ao brigadeiro Armando Figueira Trompowsky de Almeida.

Em 1947, elegeu-se senador pelo Rio Grande do Sul na legenda do Partido Trabalhista Brasileiro (PTB). Em 1948, passou a ocupar a vice-presidência nacional do PTB. Ao longo de sua atividade política, participou de diversas comissões parlamentares, tais como a de Reforma Constitucional, a Reguladora das Companhias Concessionárias de Serviço Público, a qual presidiu, e a de Revisão do Código de Águas. Foi, ainda, presidente da Companhia Nacional de Aviação

Durante sua campanha eleitoral como candidato ao governo do Rio Grande do Sul, Salgado Filho decidiu ir à fazenda de Vargas em São Borja (RS), onde manteria entendimentos com a direção trabalhista. Faleceu nessa viagem, no dia 30 de julho de 1950, quando se acidentou o avião em que se encontrava, vitimando também toda a sua comitiva.

Em sua homenagem, o aeroporto de Porto Alegre passou a chamar-se Aeroporto Salgado Filho.

## 1987: Patrono Villa Lobos

Patrono	Villa Lobos	 A framed oil painting of Heitor Villa-Lobos, an elderly man with grey hair, wearing a dark suit and a red tie. The painting is set in a wooden frame. Below the painting, a small plaque reads "Heitor Villa Lobos 1987".
Biografia	<p>Heitor Villa-Lobos nasceu no Rio de Janeiro, em 5 de março de 1887.</p> <p>É amplamente considerado o maior compositor das Américas. Com cerca de mil obras, ele redefiniu o nacionalismo musical brasileiro e trouxe reconhecimento internacional para a música clássica do Brasil. Filho de uma dona de casa e um músico amador, Villa-Lobos teve contato com a música desde cedo, aprendendo a tocar clarinete e violoncelo com seu pai. Durante sua juventude, Villa-Lobos foi influenciado pelas modas caipiras e pelo choro, gênero musical popular no Rio de Janeiro. Em 1905, iniciou uma série de viagens pelo Brasil, absorvendo influências regionais que moldaram seu estilo. Em 1912, conheceu a Amazônia, o que teve um impacto profundo em sua obra. No Rio de Janeiro, casou-se com a pianista Lucília Guimarães em 1913 e começou a ganhar reconhecimento como compositor a partir de 1915.</p> <p>Participou da Semana de Arte Moderna de 1922, destacando-se como músico moderno. Incentivado por amigos, viajou para Paris em 1923, onde conheceu figuras influentes e começou a ganhar notoriedade. Apesar de dificuldades financeiras e a necessidade de retornar ao Brasil em 1924, voltou a Paris em 1927 para promover suas obras e expandir sua rede de contatos. Villa-Lobos tornou-se uma figura central na música clássica brasileira e internacional, influenciando gerações futuras até seu falecimento.</p> <p>Heitor Villa-Lobos, nascido em 5 de março de 1887 no Rio de Janeiro, é amplamente considerado o maior compositor das Américas. Com cerca de mil obras, ele redefiniu o nacionalismo musical brasileiro e trouxe reconhecimento internacional para a música clássica do Brasil. Filho de uma dona de casa e um músico amador, Villa-Lobos teve contato com a música desde cedo, aprendendo a tocar clarinete e violoncelo com seu pai, Raul. Após</p>	


	<p>a morte do pai em 1899, a família enfrentou dificuldades financeiras, e Noêmia trabalhou para sustentar a família. Durante sua juventude, Villa-Lobos foi influenciado pelas modas caipiras e pelo choro, um gênero musical popular no Rio de Janeiro. Em 1905, iniciou uma série de viagens pelo Brasil, absorvendo influências regionais que moldaram seu estilo. Em 1912, conheceu a Amazônia, o que teve um impacto profundo em sua obra. No Rio de Janeiro, casou-se com a pianista Lucília Guimarães em 1913 e começou a ganhar reconhecimento como compositor a partir de 1915.</p> <p>Participou da Semana de Arte Moderna de 1922, destacando-se como músico moderno. Incentivado por amigos, viajou para Paris em 1923, onde conheceu figuras influentes e começou a ganhar notoriedade. Apesar de dificuldades financeiras e a necessidade de retornar ao Brasil em 1924, voltou a Paris em 1927 para promover suas obras e expandir sua rede de contatos. Villa-Lobos tornou-se uma figura central na música clássica brasileira e internacional, influenciando gerações futuras até seu falecimento.</p> <p>Heitor Villa-Lobos faleceu no Rio de Janeiro, em 17 de novembro de 1959.</p>
--	--

### 1988: Patronesse Princesa Isabel

Patronesse	Princesa Isabel	 <p>A portrait painting of Princesa Isabel, showing her from the chest up. She has dark hair styled in an updo and is wearing a dark dress with a white ruffled collar. The painting is in a wooden frame. A small label at the bottom of the frame reads 'Princesa Isabel 1988'.</p>
Biografia	<p>Isabel Cristina Leopoldina Augusta Micaela Gabriela Rafaela Gonzaga de Bourbon e Bragança nasceu no Rio de Janeiro no dia 29 de julho de 1846. Era a segunda filha, a primeira menina, do imperador D. Pedro II e sua esposa a imperatriz D. Teresa Cristina das Duas Sicílias.</p> <p>Educada em um ambiente europeu e influenciada pelos ideais liberais, Isabel tornou-se regente do Brasil em duas ocasiões durante as viagens do pai à Europa. Durante sua primeira</p>	

	<p>regência, em 1871, apoiou a Lei do Ventre Livre, que declarava livres os filhos de escravas nascidos a partir daquela data. No entanto, foi durante sua segunda regência, em 1888, que sua influência foi decisiva para a assinatura da Lei Áurea, que aboliu a escravidão no Brasil em 13 de maio de 1888.</p> <p>O ato de assinar a Lei Áurea foi um marco histórico e consolidou Isabel como uma figura crucial na luta pela liberdade e pelos direitos humanos no país. Sua atuação foi fundamental para o fim de um sistema escravocrata que havia moldado profundamente a sociedade brasileira.</p> <p>Além de seu papel na abolição, a Princesa Isabel também é lembrada por seu trabalho em causas sociais e pela promoção da educação. Ela apoiou diversas instituições de caridade e incentivou reformas educacionais, visando melhorar a vida dos menos favorecidos.</p> <p>Após a Proclamação da República em 1889, Isabel, que se encontrava na Europa, nunca mais retornou ao Brasil e viveu seus últimos anos na França. Sua importância histórica é amplamente reconhecida por sua contribuição decisiva para a abolição da escravidão e suas ações em prol da justiça social.</p> <p>Isabel morreu no exílio, aos 75 anos, após o agravamento de uma pneumonia. Seus restos mortais foram transportados de navio para o Rio de Janeiro, no ano de 1953, e ficaram na Catedral da capital. Dezoito anos depois, foram sepultados em um mausoléu da Catedral de São Pedro de Alcântara, na cidade de Petrópolis (RJ).</p>
--	---

## 1989: Patrono Benjamin Constant

Patrono	Benjamin Constant	
Biografia	Benjamin Constant Botelho de Magalhães nasceu em Niterói (RJ), em 18 de janeiro de outubro de 1833. Foi político, militar e professor.	

Iniciou-se profissionalmente como pedreiro e frequentou aulas no Mosteiro de São Bento, do Rio de Janeiro. Em 1852 assentou praça no Exército, transferindo-se no ano seguinte para a Escola Militar, onde concluiu o curso. Aperfeiçoou-se em engenharia na Escola Central e aí recebeu o grau de doutor em matemática e ciências físicas. Entre 1861 e 1865 estudou astronomia no Observatório do Rio de Janeiro, onde exerceu as funções de ajudante de astrônomo. Aprovado em concurso, ensinou matemática no Imperial Colégio de Pedro II.

Conquistado pelo Positivismo, difundiu-o principalmente na Escola Militar, onde seus méritos de professor lhe haviam granjeado grande ascendência sobre os alunos. Em 1887 fundou o Clube Militar, do qual mais tarde foi presidente e que se transformou em centro de propaganda republicana. Em 9 de novembro do mesmo ano, Benjamin Constant presidiu a sessão do Clube Militar em que foi decidida a queda da monarquia.

Trabalhando em contato com o Partido Republicano através de Aristides Lobo e outros, garantiu também o apoio de Deodoro da Fonseca, militar prestigiado pela crise de 1885 e pela vitória do abolicionismo. Proclamada a República, integrou o governo provisório, chefiando a pasta da Guerra, onde iniciou a aplicação de reformas técnicas que não pôde concluir. Em 1890, passou a chefiar o recentemente criado Ministério de Instrução Pública, Correios e Telégrafos, no qual elaborou uma reforma de ensino de nítida influência positivista. Recusou, por essa época, a senatoria pelo Pará, considerando-a uma vinculação indesejável à prática política de que procurava afastar-se à medida que cresciam seus desentendimentos com o autoritarismo de Deodoro.


Com sua demissão do ministério pouco antes de falecer, agravou-se ainda mais a crise de que resultaria posteriormente a renúncia do próprio proclamador e primeiro presidente da República. Em 1926 foi inaugurado o monumento a Benjamin Constant, concebido dentro de um projeto estético positivista, exaltando o propagandista republicano e o cultor da religião da Humanidade e do cientificismo comtiano.

Além do magistério militar na Escola Militar e na Escola Superior de Guerra, Benjamin Constant lecionou no Imperial Colégio de Pedro II e no Instituto dos Cegos, hoje Instituto Benjamin Constant. Sua capacidade como mestre tornou-o um ídolo da juventude, especialmente a militar. Em função dessas qualidades, D. Pedro II convidou-o para professor de seus netos, malgrado as convicções republicanas do mestre.

Em 1866, quando capitão do Corpo de Estado-Maior, seguiu para o Paraguai, onde serviu sob o comando do general Francisco de Paula Argolo. Dirigiu o depósito de Material Bélico em Itapiru e a pedido foi novamente removido para a chamada 'linha negra', onde contraiu febre palustre. Prestou serviços na 'marcha de flanco', através do Chaco, com a qual os aliados puderam povoar a rendição de Humaitá. Em 1867, por doença, deixou o teatro de operações, voltando ao observatório astronômico e ao magistério.

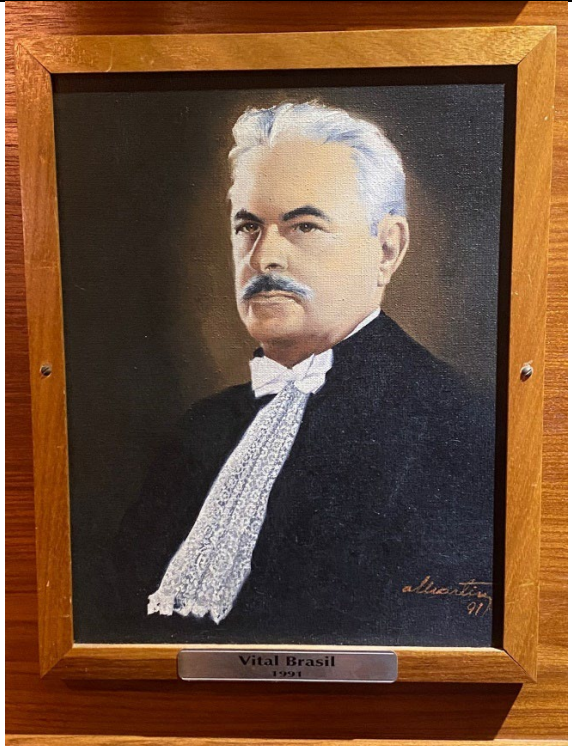
	<p>Promovido a major em 1875 e a tenente-coronel em 1888, foi depois nomeado catedrático da Escola Superior de Guerra. Após a proclamação da república, em 1890, foi aclamado general-de-brigada, em comício público.</p> <p>Faleceu no dia 22 de janeiro de 18891, na cidade do Rio de Janeiro (RJ).</p>
--	---

## 1990: Patrono Lindolfo Leopoldino Boeckel Collor

<p>Patrono</p>	<p>Lindolfo Leopoldino Boeckel Collor</p>	 <p>A portrait painting of Lindolfo Collor, a man with dark hair and glasses, wearing a dark suit, white shirt, and patterned tie. The portrait is set in a wooden frame. Below the frame, a small plaque reads 'Lindolfo Collor 1990'.</p>
<p>Biografia</p>	<p>Lindolfo Leopoldo Boeckel Collor nasceu em 4 de fevereiro de 1890, em São Leopoldo (RS). Formado em Farmácia em Porto Alegre, nunca exerceu a profissão, preferindo o jornalismo. Iniciou sua carreira em Bagé e, em 1911, mudou-se para o Rio de Janeiro para trabalhar no Jornal do Comércio, destacando-se também no meio literário. Casou-se em 1914 e assumiu a direção do jornal A Tribuna, de seu sogro.</p> <p>Em 1919, retornou a Porto Alegre para dirigir A Federação, órgão do Partido Republicano Rio-Grandense (PRR), a convite de Borges de Medeiros. Em 1921, foi eleito deputado estadual e, no ano seguinte, deputado federal, tornando-se redator-chefe de O País. Atuou nas comissões de Diplomacia e Finanças e liderou o PRR.</p> <p>Foi articulador destacado da chapa oposicionista da Aliança Liberal, que lançou o nome de Getúlio Vargas para concorrer nas eleições presidenciais de 1930. Redigiu o manifesto da Aliança e dirigiu o jornal A Pátria, porta-voz oficial da coligação. Com a derrota eleitoral de Vargas, teve participação importante nos preparativos revolucionários. Foi o encarregado de buscar o apoio militar da guarnição sediada no Distrito Federal, tendo obtido a promessa de neutralidade da alta cúpula militar.</p> <p>Com a vitória da Revolução de 1930, uma das primeiras medidas tomadas foi a criação do Ministério do Trabalho, Indústria e</p>	

	<p>Comércio, cuja chefia foi entregue a Lindolfo Collor. À frente dessa pasta promoveu profundas alterações no tratamento dado à questão social no país, ocupando-se do reconhecimento de entidade sindicais, da constituição de juntas de conciliação para os conflitos entre patrões e empregados, da regulamentação da jornada diária de trabalho, da regulamentação do trabalho feminino e infantil, entre outros aspectos.</p> <p>Demitiu-se em 1932 devido a discordâncias internas e voltou a Porto Alegre para apoiar a Revolução Constitucionalista de 1932. Após a derrota do movimento, exilou-se na Argentina e, em 1933, cobriu o conflito no Chaco para os Diários Associados. Anistiado, retornou ao Brasil em 1934 e tentou, sem sucesso, uma vaga na Câmara Federal.</p> <p>Em 1936, tornou-se Secretário de Finanças do Rio Grande do Sul e fundou o efêmero Partido Republicano Castilhistas. Apoio à candidatura presidencial de Armando Sales de Oliveira, mas a eleição não ocorreu devido ao golpe do Estado Novo de Vargas.</p> <p>Dedicou-se à iniciativa privada e foi preso em 1938, acusado de conspiração. Exilou-se na França e em Portugal, retornando ao Brasil em 1941. Mesmo com saúde debilitada, foi detido por criticar o governo.</p> <p>Faleceu no Rio de Janeiro em 21 setembro de 1942.</p>
--	--

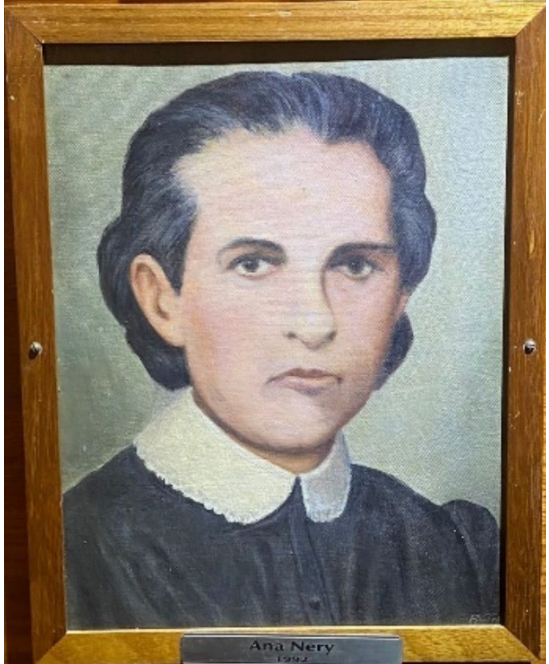
## 1991: Patrono Vital Brazil

<p>Patrono</p>	<p>Vital Brazil</p>	
<p>Biografia</p>	<p>Vital Brazil Mineiro da Campanha nasceu em 28 de abril de 1865, no município de Campanha (MG). Formado em Medicina no Rio de Janeiro, Vital Brazil mudou-se para São Paulo em 1880 e começou a trabalhar no Serviço Sanitário. Em Botucatu, Brazil atendia pacientes debilitados pelas</p>	




	<p>picadas de cobras e viu muitos deles morrerem por causa do veneno. Daí surgiu seu interesse em pesquisar tratamentos mais eficazes. Em 1897, decidiu sair do interior para trabalhar no Instituto Bacteriológico de São Paulo sob orientação de Adolfo Lutz. Em 1899, devido a um surto de peste bubônica, foi convidado a dirigir um laboratório que se tornaria o Instituto Butantan.</p> <p>O Instituto Butantan, fundado na Fazenda Butantan, em São Paulo, foi um marco no combate a epidemias e na produção de soros anti-venenos. Vital Brazil, junto com outros grandes sanitaristas como Oswaldo Cruz e Adolfo Lutz, lutou contra febre amarela, cólera, varíola e peste bubônica. Ele dirigiu o Butantan por 20 anos e, após um intervalo, retornou à direção até 1924.</p> <p>O grande avanço de Vital Brazil foi a criação de soros específicos para diferentes tipos de veneno, um conceito inovador publicado em 1921 no livro "Defesa Contra o Ophidismo". Em 1902, o Butantan começou a fornecer soros para tratamento de acidentes com animais peçonhentos. Vital Brazil desenvolveu soros anticrotálico e antibotrópico para tratar envenenamentos por cascavéis e jararacas, respectivamente, e doou a patente do soro antiofídico ao governo brasileiro em 1917.</p> <p>Além de seu trabalho no Butantan, Vital Brazil criou o Instituto Vital Brazil em Niterói (RJ) em 1919, e colaborou com diversas revistas científicas, publicando vários artigos e livros. Na cidade natal do médico, o Museu Vital Brazil consagra a importância das descobertas do mineiro para a saúde pública.</p> <p>Vital Brazil faleceu em 8 de maio de 1950, no Rio de Janeiro, devido à uremia.</p>
--	--

## 1992: Patronesse Anna Nery

Patrono	Anna Nery	
---------	-----------	--

Biografia	<p>Anna Justina Ferreira nasceu em Cachoeira (BA), em 13 de dezembro de 1814. Foi considerada a primeira enfermeira brasileira.</p> <p>Casou-se com o Capitão-de-Fragata Isidoro Antônio Nery aos 23 anos e com ele teve três filhos. O casamento, entretanto, durou poucos anos: o marido faleceu em missão no Maranhã e Anna Nery ficou viúva com apenas 29 anos.</p> <p>Mudou-se para Salvador com seus filhos, dois dos quais estudaram Medicina. Em 1865, todos se alistaram e foram convocados para lutar na Guerra do Paraguai.</p> <p>Preocupada com o sofrimento causado pelo conflito e não querendo separar-se dos filhos, solicitou ao Presidente da Província da Bahia permissão para atuar como enfermeira: “Como brasileira não podendo ser indiferente aos sofrimentos dos meus compatriotas e como mãe, não podendo resistir à separação dos objetos que me são caros, e por uma tão longa distância, desejava acompanhá-los por toda parte, mesmo no teatro da guerra, se isso me fosse permitido”.</p> <p>Aceita, ela foi contratada para trabalhar em hospitais no Rio Grande do Sul, onde adquiriu conhecimentos com freiras. Anna criou uma enfermagem-modelo em Assunção com seus próprios recursos e organizou os hospitais de campanha, estabelecendo regras para organizar os trabalhos. Sua dedicação aos soldados rendeu-lhe o apelido de “Mãe dos Brasileiros”.</p> <p>Anna Nery enfrentou a perda de seu primogênito durante a guerra e, ao final do conflito, retornou para casa com seis órfãs. Ao retornar ao Brasil, seu exemplo de dedicação, coragem e patriotismo foi reconhecido pelo imperador D. Pedro II, e Anna Nery passou a receber uma pensão vitalícia do governo. Ela também foi condecorada com as medalhas de prata Geral de Campanha e a Medalha Humanitária de Primeira Classe.</p> <p>Ela faleceu em 20 de maio de 1880, aos 65 anos. Quarenta anos após sua morte, seu nome foi imortalizado na primeira escola de enfermagem do Brasil, no Rio de Janeiro, refletindo seu impacto duradouro na profissão e na saúde pública. Em 2009, Anna se tornou a primeira mulher a entrar para o Livro dos Heróis e das Heroínas da Pátria, depositado no Panteão da Liberdade e da Democracia, em Brasília.</p>
-----------	--

## 1993: Patrono Juscelino Kubitschek

<p>Patrono</p>	<p>Juscelino Kubitschek</p>	
<p>Biografia</p>	<p>Juscelino Kubitschek de Oliveira nasceu em Diamantina (MG) no dia 12 de setembro de 1902.</p> <p>Inicialmente, ingressou no seminário diocesano, mas abandonou-o para trabalhar como telegrafista na Repartição Geral dos Telégrafos. Formou-se em Medicina pela Faculdade de Belo Horizonte em 1927 e trabalhou na Clínica Cirúrgica da Santa Casa de Misericórdia, e no Hospital Militar da Força Pública de Minas Gerais.</p> <p>Com o falecimento súbito de Olegário Maciel, em 5 de setembro de 1933, o cenário político mineiro agitou-se para a escolha de seu sucessor. Em dezembro, Benedito Valadares foi nomeado interventor federal, convidando Juscelino para exercer a chefia de seu Gabinete Civil.</p> <p>Em 1934, filiou-se ao Partido Progressista e foi eleito deputado federal em 1935. Com o golpe do Estado Novo em 1937, voltou à medicina e foi promovido a tenente-coronel da Força Pública.</p> <p>Em 1940, assumiu a prefeitura de Belo Horizonte, onde fez reformas urbanas significativas, como a construção do conjunto arquitetônico de Pampulha projetado por Oscar Niemeyer. Foi um dos fundadores do Partido Social Democrático (PSD) em 1945 e foi eleito deputado federal, começando seu mandato em 1946.</p> <p>Em 1950, elegeu-se para o governo de Minas Gerais, tendo como foco o binômio energia e transporte. Sua meta prioritária retirar o estado da posição agropastoril e lançá-lo na fase da industrialização. Quando na industrialização do estado. Em 1955, lançou sua candidatura presidencial e venceu as eleições, assumindo a presidência em janeiro de 1956.</p> <p>Durante seu governo, cujo lema era “50 anos em 5” – 50 anos de progresso em 5 anos de realizações, implementou o ambicioso "Plano de Metas", com objetivos a serem alcançados em diversos setores da economia, que se tornou conhecido como Programa ou</p>	

Plano de Metas. A chamada meta-síntese era a construção de Brasília e a transferência da capital federal, seu grande desafio. A construção de Brasília e seu plano de modernização enfrentaram resistência, mas foram bem-sucedidos. Em 21 de abril de 1960, Juscelino declarou inaugurada a nova capital, Brasília.

Após deixar o cargo em janeiro de 1961, Kubitschek foi cassado em 1964 e exilou-se na Europa. Retornou ao Brasil em 1965 e participou da Frente Ampla, mas se afastou da política em 1968 para se dedicar aos negócios. Em 1974, foi eleito para a Academia Mineira de Letras e recebeu o troféu "Juca Pato" em 1976, destacando-se como intelectual. Passou seus últimos anos na administração de sua fazenda em Luziânia, Goiás.

Faleceu em 22 de agosto de 1976, vítima de um acidente na via Dutra, nas proximidades de Resende (RJ).